Cinearte

ANNO III N. 98
Rio de Janeiro, 11 de Janeiro de 1928
Preço em todo o Brasil — 1$000

Billie Dove

Cinearte

Cinearte

OMEÇARAM a agitar-se os proprietarios de Cinema e foram entender-se com o Juiz de Menores.

A applicação dos artigos do Codigo que dizem respeito aos seus estabelecimentos, apavorava-os. Ha mais de tres mezes, destas columnas, nos referimos á surpreza de que seriam victimas, habituados como estavam a agir com plena liberdade no assumpto, avisando-os das modificações que teriam de introduzir nesses processos.

Julgaram elles, necessariamente, que estavamos a fantasiar.

Agora, bruscamente, cahiu-lhes o raio em casa e buscam tornear as difficuldades sobrevindas.

O dr. Mello Mattos, firme nos preceitos da lei, apontou-lhes a execução pura e simples dos seus dispositivos como o caminho unico que lhes podia indicar.

E com razão.

Podem se esbofar em sua grita contra o digno magistrado os que se despreoccupam do futuro, pouco se lhes dando a atmosphera de corrupção em que estavam sendo educadas as jovens gerações: productos em geral dessa corrupção a ella habituados, nella vivendo não podem comprehender como a parte sã da sociedade se colloque resolutamente ao lado da lei e do seu executor, applauda a iniciativa do dr. Mello Mattos animando-o, encorajando-o a persistir no cumprimento rigoroso da missão que lhe foi confiada na defeza da nossa infancia que a moral facil dos tempos que correm estava atirando á perdição.

Em toda terra civilisada ha essa intervenção do Estado em prol da infancia. E ninguem jamais protestou contra isso, pugnando pelo direito de debochar, de escandalisar os espiritos infantis por meio dos deprimentes espectaculos theatraes e cinematographicos como até aqui se praticava entre nós, com a maxima liberdade.

Como tudo entre nós se resolve por meio do "habeas-corpus" já houve quem a esse meio recorresse para annullar a acção do Juiz de Menores; pae houve (e preferimos acreditar que fosse um simples homem de palha, escalado para provocar a decisão judiciaria) que invocou o direito que lhe emprestava o "patrio poder" de levar sua filha quasi impubere aos licenciosos espectaculos de theatros suspeitos.

O caso não foi decidido por isso que endereçado á Camara Criminal julgou-se incompetente essa para dizer do assumpto.

Não foi perdido o incidente entretanto, porque forneceu ensejo ao dr. Mello Mattos para em magistral exposição passar em revista as leis que existem nas sociedades policiadas, entre os povos que cuidam seriamente da defeza da infancia contra os perigos a que anda exposta continuamente e de que o patrio poder não a desvia como de sua obrigação, e expondo os principios em nome dos quaes intervem o Estado em esphera que deveria ser exclusivamente attribuida á autoridade domestica.

Neste como em outros assumptos nos sentimos perfeitamente á vontade.

Não é de hoje a campanha que destas columnas emprehendemos no sentido de defender a infancia contra a ignobil exploração que se fazia das "matinées infantis" nos cinematographos, tanto do centro da cidade como dos bairros, espectaculos organizados com uma inconsciencia revoltante que andava a pedir a correcção que ora recebem, mercê do Codigo de Menores.

Nem por outro motivo nos batemos sempre pela creação entre nós de uma "censura" de verdade, apparelho de defeza social que não devia estar confiada á displicencia dos funccionarios policiaes.

Sentimo-nos por isso mesmo perfeitamente á vontade para nos collocarmos resolutamente ao lado do integro magistrado que é o dr. Mello Mattos, applaudindo-lhe a acção e animando-o na resoluta decisão de fazer respeitar os preceitos salutares do Codigo de Menores, surdo aos ataques dos interessados ou dos inconscientes.

Essa é a nossa attitude franca; e nem outra podia ser deante das nossas francas manifestações anteriores.

Nós queremos, desejamos elevar cada vez mais o espectaculo cinematographico e por isso mesmo entendemos necessaria a censura rigorosa do film e a classificação dos programmas como é feita em todos os paizes em que se cuida seriamente dessas cousas.

Espectaculos para a infancia são espectaculos para a infancia. E se os emprezarios de Cinemas acham que a clientela infantil é vantajosa, que tratem de organizar programmas para a infancia.

E' a unica attitude que podem assumir e não a de reclamar, como muitos fazem, o direito de escandalisar as imaginações infantis por meio de films que devem ser-lhes absolutamente vedados.

Tudo é méra questão de criterio.

E se este não existe, naturalmente, justifica-se que a lei o imponha.

ANNO III — NUM. 98

11 — JANEIRO — 1928

WARNER BAXTER E DOLORES DEL RIO EM "RAMONA"

CINEMA BRASILEIRO

SYLVIO ROLLANDO
galã do film "A Flôr do Pantano" da A. U. B.

O "DIARIO DA NOITE" E O CINEMA BRASILEIRO

Entre os jornaes que secundam o nosso esforço pelo Cinema Brasileiro, tem se destacado pela constancia, o "Diario da Noite" de S. Paulo. Até bem pouco, guiado na sua secção de "Cinemas" por J. Canuto, o infatigavel Mendes de Almeida já tão familiarisado no meio cinematographico, devido ao seu afastamento momentaneo, tem apparecido sob as iniciaes de "J. M. R." de quando em quando alguma referencia á nossa filmagem, embora não tão assiduamente, ao qual devemos tambem referencias graciosas que nos fez, e se possivel até publicaremos no proximo numero.

E' de louvar, mesmo assim, semelhante iniciativa, pois de qualquer fórma, é mais um nome que vem de se incorporar aos que amparam todos os esforços pela estabilisação da nossa Industria Cinematographica.

Por isso mesmo, estranhamos que no numero de 3 do corrente, apparecesse um commentario admirando a inserção em nossas columnas, de noticias e photographias de um film paulista intitulado "Morphina".

Para quem tem acompanhado a nossa orientação, comprehenderá facilmente o nosso ponto de vista registrando todos os esforços para a producção de um film de enredo, o que em absoluto não significa nossa approvação.

Não conhecemos ainda o thema de "Morphina", sem duvida um destes films destinados a explorar a curiosidade publica, mas forçosamente encerrando no seu desenrolar uma campanha moral contra o terrivel entorpecente.

"Vicio e Belleza" não ha que negar, teve muito das suas scenas destinadas a explorar a "curiosidade malsã das camadas incultas", mas nem por isso deixou de encerrar no seu aspecto geral, uma aproveitavel lição de moral.

Se houvesse mais criterio na sua confecção seria mais proveitoso, entretanto não deixa de ter seu valor.

Foi uma grande lição e a prova está na sua acceitação até no estrangeiro. Além disso foi tambem a melhor propaganda que já se fez aqui contra as doenças da mocidade, e de muito maior utilidade que todos os cartazes e exposições do Departamento de S. Publica.

Como ainda não vimos "Morphina", não queremos prejulgal-a, pois póde bem ser que seja peior ainda mas tambem poderá resultar um trabalho mais criteriosamente feito.

E não temos por isso, desvirtuado nossa campanha, que prosegue cada vez mais forte e sempre colhendo os melhores resultados.

O que não fazemos é desanimar, tomando uma orientação contraria a que seguimos.

Aliás, ficamos deveras admirado que após tres annos de lucta pelo nosso Cinema Arte, volva o "Diario da Noite" a applaudir os films naturaes, julgando o que temos feito até então como "apenas tentativas de amadores", aconselhando a se "abandonar, por emquanto, films de grandes montagens, de enredo, e tratar de films naturaes, comicos e instructivos".

Se os nossos cinematographistas são amadores que só podem apresentar films posados mal confeccionados, calcule-se se fizessem films naturaes!

São estes os mais difficeis, e os que requerem não só muitos conhecimentos technicos, como em concepção artistica bastante sensivel. Basta dizer, que no mundo inteiro, até hoje só foi apresentado um trabalho natural em condições, dentro das regras de scenario e da arte propriamente dito. Este film foi "Chang".

Devemos então volver a fazer jornaes?

Que tem adiantado ao Brasil as pelliculas "Sol e Sombra"?

Quando muito, estas podem ser incluidas como complemento de progrrammas, dependendo de circumstancias e de outros films, quando nosso ideal é justamente de termos todo o programma de Cinema com a producção brasileira.

Por conseguinte, se nos falta competencia para films posados, se os naturaes são mais difficeis e menos interessantes, se os jornaes actualidades nada adiantam, só nos restará fazer films comicos como tambem aconselha o chronista J. M. R.

Nos Estados Unidos onde não faltam recursos, são raros hoje em dia os films comicos que alcançam successo, o que será então de nós?

E' melhor deixar tudo como está que é o certo. Embora sem grandes arrancadas o nosso Cinema está vencendo. O que é preciso é sinceridade e perseverança, porque tambem esta questão de grandes capitaes virá com o seu natural desenvolvimento.

LUIZ SORÔA, galã de "Braza Dormida", antes de partir para Cataguazes onde foi para cumprir contracto com a Phebo Brasil Film, esteve em nossa redacção afim de despedir-se e desejar-nos felicidades pelo Novo Anno. Fazemos votos para que no decorrer deste, seu nome seja um dos mais populares na nossa filmagem.

"BRAZA DORMIDA"

"Braza Dormida" da Phebo Brasil Film de Cataguazes já tem varias scenas filmadas. Algumas foram tomadas aqui no Jockey Club, tendo para isso voltado ao Rio, Edgar Brasil, que é o operador official da companhia.

Em meados deste mez, deve vir toda a companhia em locação, sendo possivel que os Studios da Benedetti sejam cedidos em parte para filmagem.

A proposito do elenco de "Braza Dormida", ainda não foi escolhida a estrella do film, que está sendo procurada incessantemente.

Por emquanto, estão sendo consideradas Lelita Rosa, Gracia Morena, e algumas pretendentes desconhecidas no meio de Cinema.

Como se sabe, Luiz Sorôa é o galã, tendo a secundal-o Maximo Serrano, Dr. Van Tol, Cortes Real, Rozendo Franco e P. Ciodaro, alguns já apresentados em outras producções da Phebo. Como se vê, o nosso Cinema está sendo encarado com grande descortinio e perseverança.

ALMEIDA FLEMING

Bem poucos, é verdade, foram aquelles que nos enviaram felicitações e bons desejos pelo Anno Novo.

Eva Nil não se esqueceu de nós, estendendo seus votos de progresso para a nossa filmagem, que quer vêr triumphante este 1928. Assim tambem Lelita Rosa, que nos apertou a mão pessoalmente e Paulo Benedetti, que nunca se esqueceu de vir abraçar-nos sempre que cada anno começa.

Humberto Mauro, apesar de todas as suas preoccupações com o inicio da filmagem de "Braza Dormida", foi daquelles que soube.

LUIZ SORÔA
GALÃ DE "BRAZA DORMIDA" DA PHEBO BRASIL FILM

ainda assim, pegar da penna para felicitar o exito da nossa campanha e formular seus desejos de ainda maior progresso agora, que se inicia verdadeiramente o advento da nossa cinematographia.

Dentre todos, porém, aquelle que mais nos sensibilizou, foi o telegramma enviado por Almeida Fleming. Não que o procuremos collocar sob um pedestal mais elevado que os demais, mas porque Almeida Fleming não escreve, Almeida Fleming é um destes sonhadores que raramente desperta dos seus ideaes artisticos...

Quem ousaria fazer um film como "Paulo e Virginia" senão elle, se todos os recursos faltavam para confeccional-o?

Talvez o chamem de temerario, mas na verdade elle apresentou o film, e revelou qualidades extraordinarias de direcção e de concepção.

Tentado pelo Cinema, Fleming escolheu uma historia suave, de amor romantico, sem se preoccupar que para realizal-a, teria de arrostar com innumeras difficuldades. "Paulo e Virginia" satisfazia seu espirito, essa seria sua historia para principiar a luta.

Só possuia uma camera Pathé caixão, sem nenhum melhoramento moderno, sem giro de plataforma, sem nenhum elemento technico, uma camera que perdeu em S. Paulo ainda e deu graças á Deus.

Pois mesmo assim, plantou sua machina no matto e fez o film, todo elle impregnado da poesia da historia, dos mesmos ambientes da época, apesar de se notar falta de recursos nas montagens.

Mesmo quando fez "O Valle dos Martyrios", de um genero differente, isto é, de mysterio, elle evidenciou suas aptidões. E' pena que Almeida Fleming tenha de fazer Cinema sosinho, no interior, onde faltam recursos e conhecimentos.

Por este seu telegramma de agora, vemos que Fleming está voltando a realidade.

Vae continuar na luta pelo Cinema Brasileiro, e quem sabe se não conseguiremos trazel-o para um centro como o Rio, Cataguazes ou São Paulo, em que o entendimento cinematographico está mais desenvolvido.

Quanto mais não seja, é possivel que antes de iniciar uma nova filmagem, procure se corresponder comnosco, que mesmo daqui, lhe poderemos arranjar um scenarista e ajudar na escolha de typos, assim como evitando que certos laboratorios nossos possam prejudicar a revelação das suas producções como succedeu com "O Valle dos Martyrios".

"FLOR DO PANTANO"

"Flôr do Pantano" da "A. U. B." continua sendo filmado. Carmen Lobato que ia ter papel de certo destaque, devido as exigencias do noivo, não poude continuar filmando conforme seu desejo. Para substituil-á estão sendo consideradas varias candidatas á nossa filmagem.

O TRABALHO DE BENEDETTI

Paulo Benedetti confessava outro dia numa roda de amigos, que o estão obrigando a movimentar a machina como nunca fez.

E tem sua razão. Cada sequencia filmada, as variações de machina obrigam Benedetti a verdadeiros malabarismos.. A sua machina, um momento está suspensa sobre o abysmo, outra amarrada em movimento, quando não fica trepado sobre barricas, ou dentro de um barranco para variar os apanhados de machina.

Imaginem agora os leitores, que "Barro Humano" ainda está no começo, não foram tiradas senão pequenas sequencias.

Mas é assim mesmo. Nós precisamos mostrar que a technica moderna na confecção de films não assombra aos nossos productores, e neste ponto tambem "Braza Dormida" vae apresentar novidade...

SYLVIO ROLLANDO E ZAIRA CAVALCANTI NUMA SCENA DA "FLOR DO PANTANO", DA A. U. B.

DISTRIBUIÇÃO DE FILMS BRASILEIROS

Coelho & Montenegro, com escriptorios de commissões e consignações, á rua 7 de Setembro, 841, em Porto Alegre, nos enviou a seguinte communicação:

"Achando-nos estabelecidos com escriptorio de representações e constando-nos não existir, neste Estado, agencia para distribuição de "films" nacionaes, apressamo-nos em solicitar, por intermedio de vossa apreciada revista, a todas as fabricas nacionaes productoras de "films", sua representação para todo o Rio Grande do Sul.

Do cuidado e zelo que costumamos dispensar aos interesses dos nossos committentes é desnecessario falarmos.

Na espectativa de que este nosso pedido será levado em consideração, aproveitamos a opportunidade para indicar aos interessados a Cia. Geral de Accessorios Ltda., á rua 7 de Setembro, 780, nesta cidade, que poderá prestar quaesquer informações quanto á nossa idoneidade, bem como para quaesquer negocios ou informações dirigirem-se á rua 7 de Setembro, 841, nosso escriptorio.

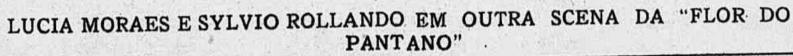
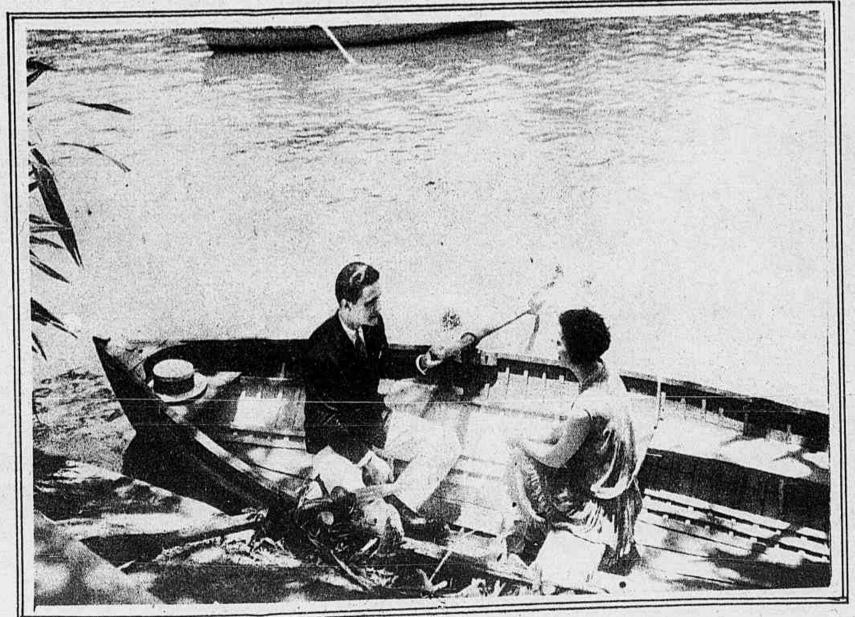
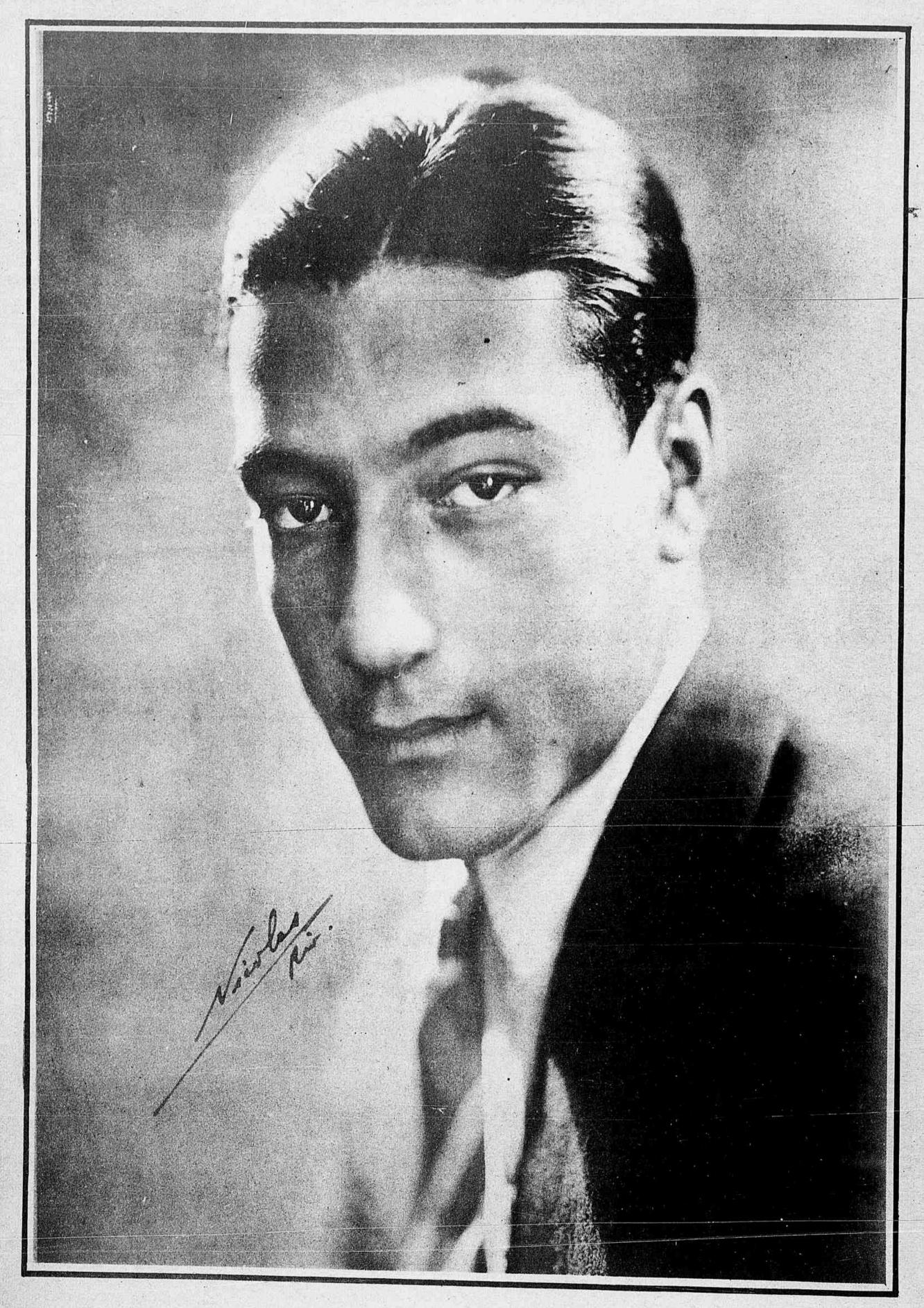
Sem mais, aguardando a publicação desta, firmamo-nos com a mais alta estima,

De V. S. Amgos. Attos. Obrgdos.

(assig.) COELHO & MONTENEGRO

PEQUENAS NOTICIAS

São assim seis films nossos exhibidos aqui o anno passado: "Historia de uma Alma", "Vicio e Belleza", "Em defesa da Irmã", "O Guarany", "Um drama nos Pampas" e "A filha do Advogado".

LUCIA MORAES E SYLVIO ROLLANDO EM OUTRA SCENA DA "FLOR DO PANTANO".

(Nicolas)

REYNALDO MAURO

é o galã de "Barro Humano" da

Benedetti-Film

INVENTOR DAS ARABIAS

Penetrando na garage de Whitmore, lá viu Patsy o seu retrato, tendo ao lado os de Edison e Ford. Era ella, pois, com os dois grandes homens, a creatura mais admirada pelo joven inventor, que já a havia interessado fortemente.

Patsy despediu-se do Sr. Edison-Ford, como o começou a chamar, e regressou a Nova York. Dias depois, com um enorme ramo de flores, Heitor Whitmore ia ter á caixa do theatro Folies, conseguindo, afinal, falar a

(PAINTING THE TOWN)
Film da Universal

Patsy Deveau	Patsy Ruth Miller
Heitor Whitmore	Glen Tryon
Raymond Tyson	Charles Gerrard
Commandante dos bombeiros	George Fawcett
Secretario	Sidney Bracy
Juiz de paz	Monte Collins
Geraldo Bismuth	Max Asher

Patsy Deveau, famosa "estrella" das Folies, adorava as grandes velocidades e o seu prazer era sahir das garras de um inspector de vehiculos para cahir nas de outro. E certa vez, em companhia de um politico de duvidosa honestidade, Raymond Tyson, foi ella parar a um logarejo proximo de Nova York.

Emquanto Tyson, entendia-se com o juiz de paz, liquidando a multa que fôra imposta ao carro, Patsy conhecia um rapaz interessantissimo, Heitor Whitmore, inventor de mil coisas curiosas, inclusive o Automovel-Super-Especial Whitmore, capaz de desenvolver cento e cincoenta milhas por hora, parando á distancia de dois carros. Uma maravilha!

Patsy, que ia ceiar nos aposentos de Tyson, onde se realisava uma festa divertida. A artista, encantada de revêr o inventor, obrigou Tyson a convidal-o e Heitor fez coisas do arco da velha, nessa noite.

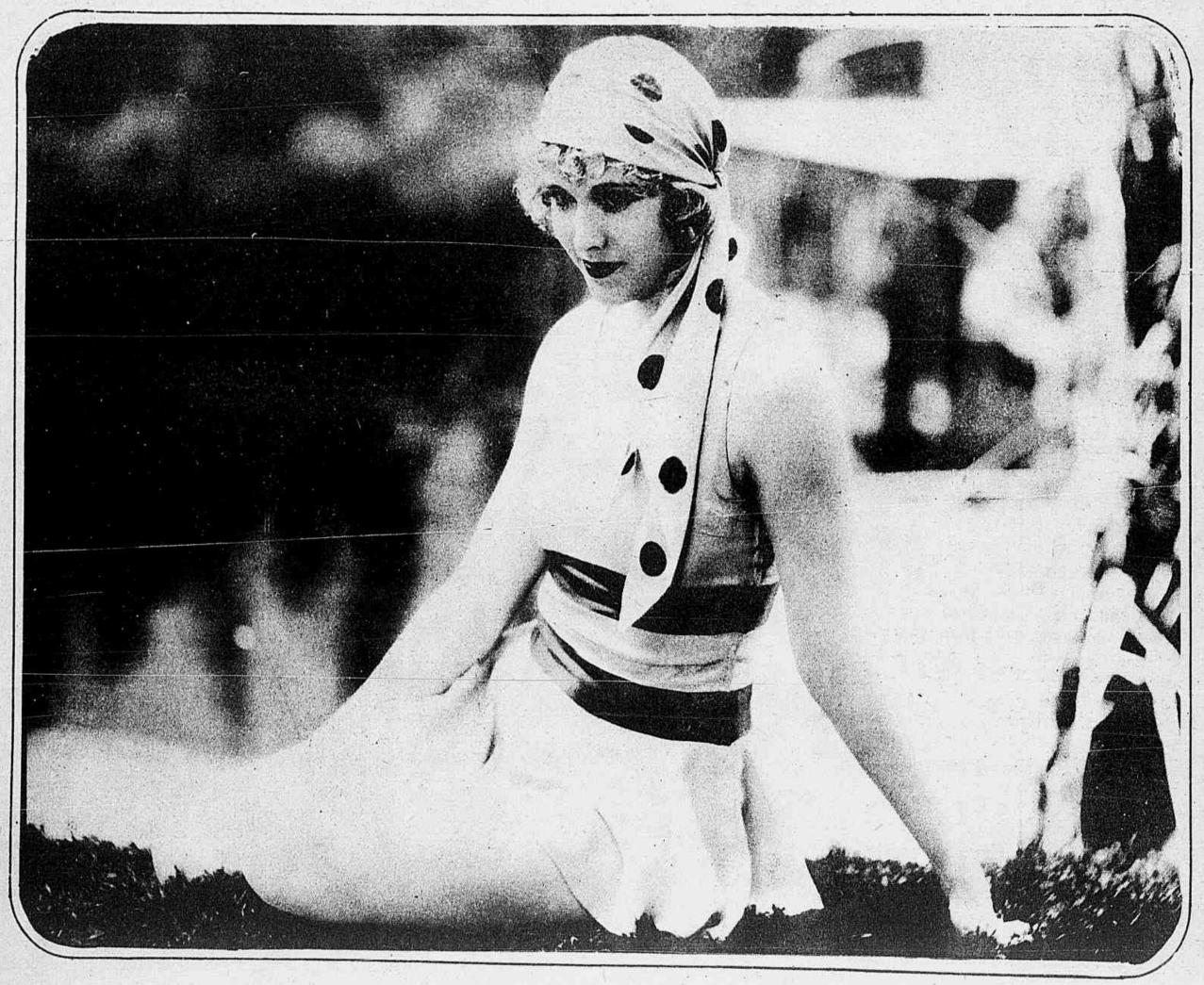
O politico estava mettido num negocio de fornecimento de automoveis ao corpo de bombeiros e quiz interessar Heitor no caso, mas o rapaz recusou, dizendo que iria pessoalmente se entender com o commandante. Então, Tyson, já com a idéa de evitar que o inventor o prejudicasse no negocio que tinha anteriormente entabolado com outra firma, o que se daria se o invento de Heitor fosse experimentado, offereceu-se para apresental-o ao commandante, dizendo-se amigo intimo delle. Heitor acompanhou-o. Ficou á espera que o mandassem entrar, mas Tyson voltou, dizendo-lhe que o commandante só o poderia attender no dia seguinte. Whitmore não esteve pelos autos e forçou a entrada, conseguindo chegar á presença do commandante, a quem immediatamente conquistou com os deliciosos amendoins de sua fabricação e a sua inesgotavel verbosidade.

Ficou resolvido que seria feita experiencia do automovel de Heitor Whitmore. Foi um fracasso, pois mãos criminosas tinham afrouxado os freios do carro e por pouco o inventor não leva o diabo. Heitor estava succumbido e ainda mais triste estava Patsy, que se empenhava fortemente pela victoria do rapaz.

Tyson obtivera o negocio e o commandante devia assignar o contracto nesse dia. Patsy intercede em favor de Heitor, mas nada consegue, recusando-se o official a dar uma nova opportunidade a Heitor para demonstrar a superioridade do seu carro.

Patsy desce. O commandante devia, logo depois de assignar o contracto com Tyson, partir para assistir á inauguração da estatua de Lincoln. Patsy pensa e toma uma deliberação. Subito, retine no gabinete o signal de incendio. O commandante pega do telephone e tem a noticia de que a sua propria casa está ardendo. Desce apressadamente. O seu automovel está com um dos pneus furado e Heitor, industriado por Patsy, offerece-lhe o seu carro, que elle acceita, nelle tambem tomando logar Tyson. O automovel parte numa velocidade dos diabos. O commandante assusta-se, mas Heitor declara

(Termina no fim do numero)

ESTHER RALSTON

A MULHER QUE EU AMEI

Mary, logo nos primeiros dias, sente hostilidade da parte de John que lhe faz toda a sorte de pirraças, atormentando-a com as suas brincadeiras de máo gosto e com os seus continuos debiques.

Gradualmente, com o passar dos annos, aquelle resentimento, baseado em um egoismo vão, desapparece para dar logar a uma grande amizade que a bondade, a delicadeza, e os encantos de Mary operam em John. Ambos tinham chegado á época do amor; a primavera de suas vidas era coisa sublime e nada os impedia de amar.

John percebe, um dia, que o seu sentimento pela formosa orphã tinha avançado demais e o que elle lhe devotava era a tradução mais completa da palavra amor. Elle a amava, primeiro com doçura, muito em segredo e, cada vez que aquella descoberta vinha ao seu pensamento, ella via augmentar o grão de amor que sentia pela encantadora Mary. Nas longas noites de Junho, no silencio do campo, ao céo estrellado, onde uma enorme lua boiava, John confiava os seus sonhos de moço e tudo para elle parecia mais lindo, tudo offerecia mais encantos e mais seducção do que antes...

Seria que ella tambem o amava? e aquella interrogação começava a torturar-lhe a alma... Principiara com o amor o

(THE GIRL I LOVED)

SERÁ EXHIBIDO NO GLORIA

John Middleton	Charles Ray
Mary	Patsy Ruth Miller
Willie Brown	Ramsey Wallace
A mamãe Middleton	Edith Chapman
O Reverendo	Lon Poff

O filho de um rico fazendeiro, Willie Brown, rapaz de porte esbelto e insinuante de maneiras, havia conquistado as attenções de Mary e a elle coube, pelo destino, dansar com a filha adoptiva da viuva Middleton.

Elle conseguira se fazer amar pela joven, que, naquella mesma noite, entre um rodopio de valsa e um passeio pelo jardim enluarado, consentira em acceitar o nome que elle lhe offerecia, confessando ainda que o amava com ardor.

Na volta, John ainda embriagado pela festa, pela musica e animação do baile, toma coragem e se prepara para declarar todo o amôr que lhe ia nalma, quando Mary, inclinando a cabeça no seu hombro, muito meiga, vae-lhe confessando o seu grande segredo... Sem saber que estava torturando o rapaz com a sua declaração, sem presentir siquer o grande drama que se desenrolava naquelle coração apaixonado, Mary com as suas palavras, ia queimando com gottas de fogo a alma de John... E elle a ouve falar com repassada ventura da alegria de se saber amada por Willie Brown a quem ella tambem queria muito e a quem sómente se havia de entregar... Uma nuvem passa pelos olhos do rapaz, as forças lhe fogem e as redeas escorregam-lhe de entre as mãos... os cavallos se espantam, sem guia, deitam a correr em louca disparada, estrada á fóra.

Virando o carro, pouco mais além, John e Mary são atirados ao chão, ferindo-se gravemente em uma perna o filho da viuva, que é levado para casa desacordado. Com a perna quebrada e, mais do que isso, a alma dilacerada pelo golpe que soffrera, a mente fraca, o espirito atordoado por todas aquellas sensações, John começa a viver o inferno da sua vida.

Passam-se os dias e as dôres physicas abrandam para que augmentem as moraes e cheguem ao auge, quando elle vê a mulher amada, aquella para quem elle sonhara tanta ventura e

(Termina no fim do numero)

Em Indiana, perdida no interior do estado, a fazenda da viuva Middleton era o ponto mais concorrido daquellas redondezas e onde, á noite, se reuniam em serões os vizinhos e os amigos da bôa e caridosa senhora. Viuva, tendo como unica companhia o seu filho, John, rapaz de quinze annos, a bôa mulher pediu, certo dia, ao pastor, que lhe trouxesse, na sua proxima visita, uma menina que viria dar mais um pouco de alegria á vida monotona da fazenda e, ao mesmo tempo, seria a irmãzinha de John.

O rapaz, creado até aquella idade, livre, entre outros da sua idade, sempre pescando, em prolongados passeios pela floresta e na caça ás borboletas, não recebeu com bôa cara a noticia da proxima chegada de Mary, uma orphã, mui linda e de exemplar educação, conforme escrevera o bondoso reverendo. No dia marcado, toda a vizinhança correu á casa da viuva, preparada para a adopção da pequena, acto que devia ser symbolizado pela senhora Middleton, ao plantar uma arvore no terreiro da casa.

seu soffrimento... Noite de baile no campo é um successo e de todos os lados corria gente para a fazenda do velho Gregg, pressurosa para dansar, beber um saboroso refresco, conversar duas palavras com a pequena de seus sonhos e gozar algumas horas de verdadeira alegria.

John, carregando o orgão, o unico existente em toda aquella região, pondo Mary e a sua mãe no carro, toca para a festa.

Lá, atiravam-se os pares pela sorte da espiga real, segundo o velho e curioso costume do campo e o que tinha a ventura de encontrar o milho vermelho, lá se ia com a namorada ao som da charanga local.

QUESTIONARIO

ALICE WHITE

Noemi Barros (Concurrente do Concurso da Fox) — Temos uma carta de assumpto importante, em nossa redacção.

H. Napoleão (Olinda) — Elle exagerou. E' para você ver. Tal assumpto mereceu tanto espaço com tantas caricaturas. Para elogiar nem uma linha. Não pode arranjar outras copias?

XX (Garanhuns) — Aos cuidados da Netum-Film, Guarulhos, São Paulo,

Orlando Santos (Porto Alegre) — Sim, é verdade. Fez mais do que isso. Nem é bom commentar.

C. Avatar (Rio) — 1° Experimenta. 2° Já tenho publicado diversas. 3° Não ha, actualmente.

Helena Bechstadt (Serra Azul) — A sua carta foi entregue a gerencia.

P. S. (?) — Foi Wladimir Gaidarow, o galã de "Manon Lescaut" e "Sacrificio de Mulher"

D. Le Price (Nictheroy)—Obrigado. Benedetti-Film e Artistas Unidos do Brasil.

Jayme (Campina Grande) — Recebi, obrigado. Interessam-nos bastante.

Tennyton Cedro (Santos) Se quer enviar, agradecemos desde já.

J. Santos (S. Paulo) — Como você, ha milhares! Como posso eu arranjar-lhe um logar no Cinema?

J. Vasques (S. Paulo)—1° M. Blue, W. Brother Studio, Sunset and Bronson, Hollywood, California. Nasceu em 1890. 2° Columbia Studio, Gower Street, Hollywood, California 1880. 3° Bebe, Paramount Studio, Marathon Street, Hollywood, California.

Manoel Gomes (Petropolis) — Mas afinal, que você deseja?

Sylvio Mota (Encruzilhada) — 1° Não. 2° Não se pode saber. Aguarde o concurso annual de "Cinearte". 3° Fox Studio, Western Ave., Hollywood, California. 4° Tambem não se pode dizer. 5° Olympio, Lia e Paulo Portanova.

K. Olho (S. Paulo) — Não vi o film, mas deve ser o Michael Brandford.

Orchidéa Branca (Rio) — Não, ha cousa alguma symbolica nem complicada. A crypta, o seu tumulo na parede, estava sem uma flor. Não tenho mais aquella carta, mas li a resposta. Já li e reli e nada acho esquesita, Orchidea! Sim, é isso e suppuz que você não pensasse assim. Qual é a pergunta da ultima carta? Não me lembro nada mais do caso de sua amiguinha. Pois eu gosto de gente teimosa assim e as suas cartas são bem vindas.

Danilo Torreão (Recife) — Não. Todas as semanas, como você, não. Esperam a resposta para enviar outra. Não tenho preferencias, é uma questão de ordem. Onde viu Kate Rand?

Consuelo (Curityba) — A sua carta sensibilizou-nos. Muito obrigado! Da nossa parte faremos todos os esforços para que os seus desejos sejam satisfeitos.

Wesmingos (Sorocaba) — Sim, já deu de alguns. 1° Porque elles não quizeram mais. 2° Sim, é o mesmo. 3° E' costume velho. 4° Alguns destes, não foram exhibidos ainda no Rio.

O OPERADOR

LORETTA YOUNG E PAUL VINCENTI

DOLORES DEL RIO
E RALPH FORBES
EM
"THE TRAIL OF 98"

(Especial para *Cinearte*)

TORTURAS DE UM CORAÇÃO

(REGINE, DIE TRAGODIE EINER FRAU) — Film allemão da National

Regina ....Lee Parry
Frank Thomas .... Harry Liedtke
Doris Ricarda, ... Vivian Gibson
Pae de Regina .... Albert Steinruck

APPARECEU UMA PINTORA...

Frank, um joven teuto americano não encontrou nos Estados Unidos nenhuma pequena que lhe prendesse o coração, e parte para a Allemanha, para vêr se é mais feliz...

Em Berlim, todas as mulheres lhe pareceram muito frias e demasiadamente modernas. Não havia uma pequena sequer, que lhe interessasse. Esfastiado da vida e sem encontrar um arrimo para o seu coração, decide visitar um velho tio, professor, que vivia numa pequena cidade do interior e depois regressar a America, desilludido de casar-se.

A confortavel morada do seu velho tio solteirão, era dirigida pelo gosto e boa vontade de uma creaturinha modesta e ainda separada do mundo.

Chamava-se Regina. Era um anjo tutelar daquelle tecto falho dos carinhos de uma esposa. Frank, sem o sentir, é dominado pela doçura e modestia desta menina, tão simples e bôa, olhar puro, meiga e... tão linda!

Frank vê em Regina o seu ideal tão procurado e amando-a loucamente, casa-se com ella.

FRANK ERA FELIZ

Mas... a inveja da nova sociedade que Regina passa a frequentar, começa a ser o alicerce da infelicidade.

Uma joven pintora que ambicionava vêr Frank preso ás suas seducções, prepara a desventura de Regina.

Com duas outras aves de rapina do que havia de mais baixo na "alta sociedade", convence Regina a posar para um quadro que depois é apresentado maldosamente a um joven e elegante addido de legação que, procurava, por todos os meios, attrahir a attenção da esposa de Frank.

Nesse interim, uma viagem commercial, leva Frank a Africa. Durante a sua ausencia, Regina recebe, escondida, a visita do seu irmão, rapaz de máos sentimentos que já havia tentado roubar o proprio Frank.

Elle apparece, exigindo dinheiro, para se ausentar do paiz porque matara o seu proprio pae, borracho constante, após violenta discussão. Facil é calcular o estado de excitação que se apodera de Regina quando o seu irmão vae embora.

E assim, nervosa, pensa em tudo relatar ao seu marido, mas temerosa, não o faz quando elle regressa.

Frank nota com extranheza a mudança de sua esposa, outr'ora tão calma, sorridente e carinhosa.

E DECIDIU CASAR-SE...

Ha os murmurios e por insinuação das interessadas na infelicidade de Regina, Frank vae visitar o tal addido e, descobre com profunda dôr, o retrato de sua esposa.

Convencido da infelicidade de Regina, Frank parte, sem fazer-lhe, siquer, uma recriminação.

Em viagem, o seu passado feliz, vence as suspeitas que o fizeram abandonar o lar.

Uma voz interna lhe dizia que a sua companheira estava innocente.

Ainda em luta angustiosa comsigo mesmo, Frank resolve voltar.

Quando chega á casa encontra sua esposa a tentar o suicidio.

Uma carta que Regina escrevera ao marido repassada do mais sincero amor, dá-lhe a conhecer o terrivel segredo que minava o coração da esposa.

Frank consegue reanimar Regina, adivinhando a ventura de uma vida feliz.

BROADWAY EM REVISTA

DE NEW YORK

Por T. S. CHERMONT
(Representante de "Cinearte)

A actividade cinematographica que ora vae por Broadway é bem uma demonstração da insuperavel comprehensão que os productores americanos têm pelo seu publico... americano.

Broadway é assim uma especie de salão de amostra em New York. Tudo que de grandioso deve ser apresentado nos Estados Unidos, em materia de Cinema; a famosa Via Lactea tem sempre a primasia da exhibição. D'ahi o estar reunido no seu ponto principal um grupo vultoso de Cinemas-theatros, sob a jurisdicção das grandes companhias productoras, que não se cansam em fazer esforços por prestar ao publico aquillo que os seus dirigentes dizem ser o maximo de "serviço" pelo valor da entrada.

Com programmas mixtos organisados primorosamente, já se vae tornando um problema o obter-se entrada nos principaes Cinemas de Broadway, tal a onda humana que afflue aos seus espectaculos. Até o caminhar pela espaçosa area que é Times Square, o coração de Broadway, torna-se difficil, tanta é a congestão de gente e de vehiculos, sob um ruido incessante como que a completar a feerica atmosphera de luz que a jorros se espalha por todos os cantos.

O annuncio luminoso, na sua mais fantastica exhibição da perspicacia "yankee", encontra tambem em Times Square o seu ponto de maximo realce: é ahi que se apresentam esses heraldos do moderno commercialismo, afim de lograr a approvação geral quanto aos seus effeitos da propaganda.

—

O surgir do monumental Theatro Roxy parecia ter sido não só o derradeiro assombro material constituido pelas suas gigantescas proporções, installações e apparencias, mas, igualmente, a ultima palavra no supremo requinte de organisar um programma a preços de Cinema. Esta realidade, entretanto, teve pouca duração. Em breve, todos os demais Cinemas da grande arteria começaram a sentir os seus effeitos, effeitos palpaveis, porque eram accusados pela alma duma casa de diversão — a bilheteria. Tentar a supremacia geral sobre o Roxy não seria tarefa para pouco tempo.

Afinal, o Roxy é um theatro de hoje, recem-inaugurado, e construido sob os designios praticos de apresentar ao publico surpresas que até então os demais theatros não haviam apresentado.

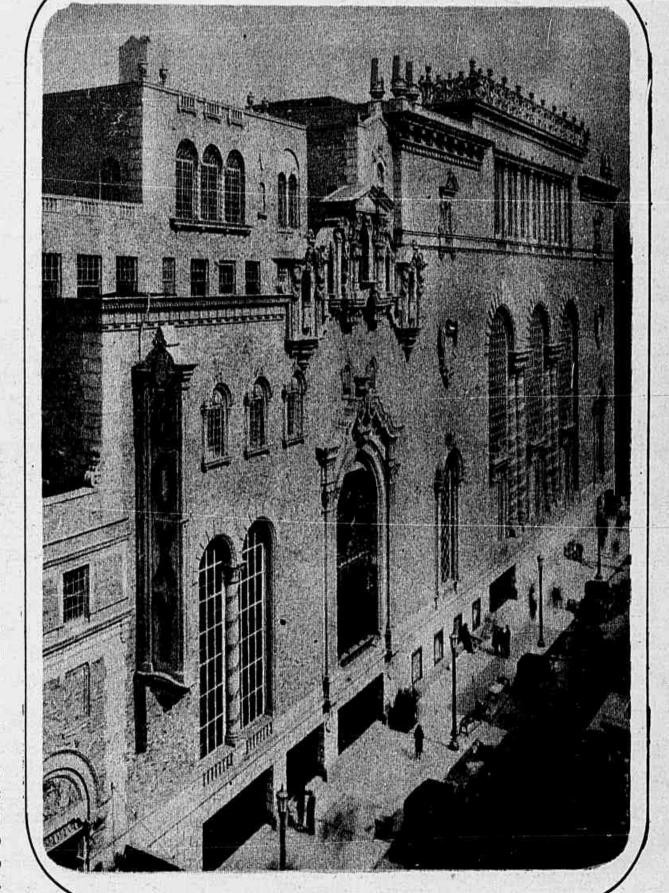
Mas, em materia de acção em concorrencia commercial, deixemos que os americanos — só elles, demonstrem o muito de que são capazes.

Até o surgir do Roxy, o Capitol, incontestavelmente achava-se no primeiro plano, como a casa de maior distincção, luxo e excellencia de programmas.

Ao apparecer o soberbo Theatro Paramount, suppunha-se que o Capitol teria de ceder o logar. Dentro em pouco, porém, o Paramount ficou sendo o Paramount e o Capitol continuou a ser o Capitol.

UM ASPECTO DO ROXY

Dirigir um theatro numa cidade como New York, é como dirigir um navio em grandes viagens: faz-se necessario ser um capitão de longo curso.

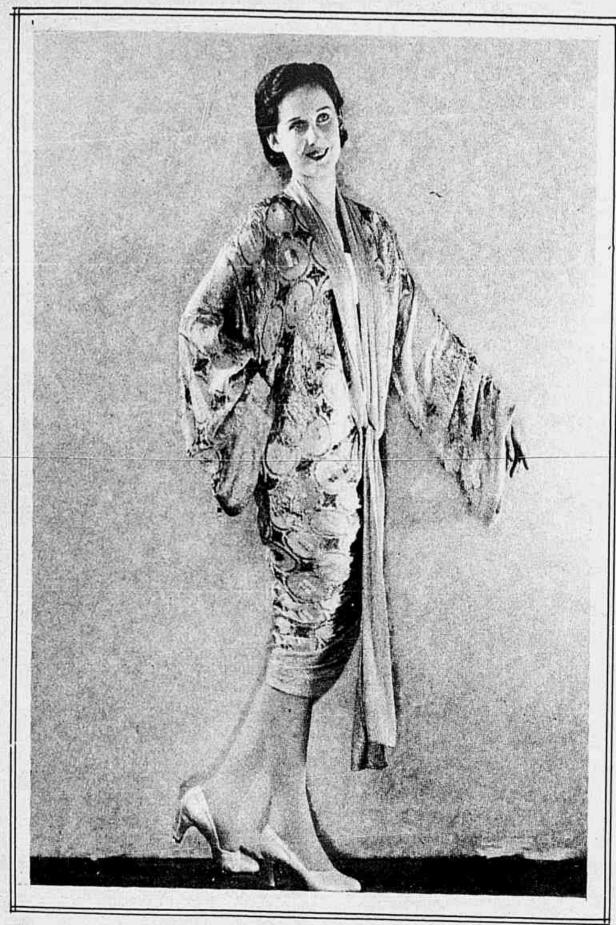
E o cabeça do Capitol, aliás um major reformado, o Sr. Bowes, é um homem de tirocinio comprovado. Sua visão é a de um homem experiente, suas idéas são idéas tão valiosas no assumpto a que se dedica que se não lhe póde negar as mais accentuadas qualidades de homem de negocios que sabe dispôr de um excepcional bom gosto. Desde o simples folheto do programma até ás coisas mais complexas a serem apresentadas ao publico, em tudo, o major Bowes faz sentir a sua presença, a sua opinião e o effeito da sua acção.

O Paramount, o Roxy e o Capitol sempre se bateram pela supremacia numerica das suas respectivas orchestras, as quaes orçam pelas noventa figuras cada uma. Mas o Capitol não se preoccupa só em ter uma grande orchestra: faz questão de seleccionar o seu maestro. Não que elle seja mais maestro que os outros; elle é apenas mais theatral.

Por estranho que pareça, é um facto a influencia de um maestro sobre o publico. As "ouvertures" em todos os tres theatros são primorosas, mas a do Capitol apresenta-se com verdadeira solemnidade. O seu conductor de orchestra, o maestro Mendoza, no seu porte impeccavel, ao assumir o estrado, como que compõe todo aquelle conjuncto de luxo e grandiosidade. O publico, ao vel-o surgir, cessa o cochicho avelludado que rebôa pela vastidão da sala de espectaculo, e prorompe em effusiva salva de palmas, em verdade, bem differente das saudações observadas nos outros grandes Cinemas.

O Capitol, entretanto, que se pudera manter indifferente ao apparecimento do Paramount, não o pôde quanto ao Roxy. E' obvio que essa concorrencia nada tem a vêr com a qualidade de fitas nelles exhibidas. O Capitol apresenta as producções da Metro e o Roxy as da Fox; mas o publico quando quer vêr fitas — só fitas, não perde tempo nem paga mais para vel-as no Roxy ou no Capitol, por isso que, a percentagem de boas fitas de ambas as origens já não compensa o risco de um preço de alta escala.

Apresentando-se como novidade e accentuando a sua qualidade de programma, o Roxy conseguiu attrair as massas, no duplo sentido, a popular e a "sonante". Os effeitos dos seus exitos se fizeram sentir na bilheteria do Capitol, cujo director, só teve uma sahida: entrar pela pratica de qualquer medida na altura do seu competidor.

(Termina no fim do numero)

MARC MAC DERMOTT, RAMON E BOBBIE MACK EM "ROAD TO ROMANCE"

BARBARA WORTH

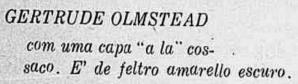
Negligée de chiffon, bordada de verde e dourado.

ESTHER RALSTON

Roupa de banho e feita assim de uma especie de sêda de borracha.

A MODA EM HOLLYWOOD

GERTRUDE OLMSTEAD

com uma capa "a la" cossaco. E' de feltro amarello escuro.

Os pés de JULIA FAYE e os seus novos sapatos com cordões Oxford.

LOURAS SOB ENCOMMENDA

(BLONDES BYCHOICE)

Bonnie Clinton . . . . . *Claire Windsor*
Horace Rush . . . . . . *Walter Hiers*
Cliff Bennett . . . . . . *Allan Simpson*
Caroline Bennett . . . . . *Bodil Rosing.*

Cliff Bennett, engenheiro constructor, fazia um passeio de auto nos arredores da cidade quando a machina de seu carro soffreu um desarranjo. Felizmente uma joven mulher que guiava um Ford passou perto, pouco depois, e solicitada consentiu em rebocar o transporte empacado juntamente com o seu proprietario. Chagados ao centro urbano, Cliff dirigiu-se á uma garage e, emquanto aguardava os reparos necessarios ao seu Rolls Royce, começou a perambular pelas ruas proximas, numa dellas deparando com uma multidão que esbravejava em frente a vitrine de uma loja de modas.

Verificou o engenheiro que se tratava da inauguração do Instituto de Belleza Passaro Azul cuja abertura constituira nota sensacional entre o povo da terra, por serem quasi todos os habitantes regidos por preconceitos sociaes do mais absurdo rigor. Dentre os mais enfurecidos com o acontecimento achavam-se as Tres Graças velhas solteironas, assim conhecidas por seus costumes ronceiros e por uma neurasthenia sem nome.

O guapo mancebo dá uma forte gargalhada ao ouvir a reclamação rancorosa que as tres beldades fazem ao vigario do logar, que acontecera passar por ali na occasião. Entrando na casa recem-aberta ao publico, Cliff reconhece na respectiva proprietaria a moçoila que o socorrera, horas antes, e a titulo de gratidão, senta-se a mesa da manicure para fazer as unhas.

Em conversa fica sabendo que ella se chama Bonnie Clinton e descobre naquella juventude theorias e idéas avançadas demais para a educação da gente local.

A garota, entre outras, faz-lhe a confidencia de ser orphã de John Clinton, antigo engenheiro, muito conhecido pela alcunha de "Sonhador Louco", porque tivera a idéa de tentar a construcção do porto da cidade.

Como os negocios corressem mal, resolvera Bonnie, á titulo de reclame, tingir a sua cabelleira sedosa, mas esta attitude despertara os mais vivos protestos da Sociedade de Auxilios Femininos, cujas providencias já se tinham feito sentir junto ás autoridades ecclesiasticas, visando expulsarem a intrusa daquella localidade. No emtanto os reclamantes, ao penetrarem na loja de Bonnie, receberam ordem formal de se retirarem, sem obterem uma unica explicação.

Benjamin Flint, banqueiro de Clinton Harbor e proprietario de longa faixa de terreno, recebe uma proposta de compra por parte da Companhia Constructora Pioneer, em cujos capitaes Clifford figura como accionista. Comtudo a maioria de acções pertence a Bonnie que, embora tenha os seus haveres hypothecados ao banco de Flint, recusa a offerta que este lhe faz de receber em

(*Termina no fim do numero*)

COMO VÃO OS BRASILEIROS EM HOLLYWOOD

EVA NIL ELOGIADA POR JANET GAYNOR — Por L. S. Marinho (Representante de "Cinearte" em Hollywood)

L. S. MARINHO E LIA TORÁ

Nunca é demais falar do que é nosso, razão pela qual, volto a falar do casal de brasileiros ora em Hollywood. Claro está, e creio que todos comprehenderão sua situação; seus nomes ainda não poderão figurar nos cartazes com principaes interpretes desta ou daquella pellicula, porém, no que se refere a sympathia estão se tornando importantes no Studio. Maria Casajuana e Antonio Cumellas, seus grandes amigos, são os brasileiros, os mais cotados dentre elles, e trabalhando ou não, vão se impondo e mesmo fazendo sombra á alguns.

Falemos um pouco de Olympio Guilherme: daquella figura varonil que, tenho certeza, irá dar grande relevo ao nome do Brasil, só lembrado, quando se avalia da importancia do seu mercado...

Não foi sem razão que demos gostosas gargalhadas pelo modo com que sua publicidade está sendo feita. Os jornaes falam muito, demasiadamente e aquelles que não conhecem Hollywood, fazem daqui uma eterna babel, uma bachanal sem fim... Elle não foi pedido em casamento nem seu coração está preso a nenhuma loura, posto que "gentlemen prefer blondes", mas, elle acha as americanas frias de alma e coração.... um pedaço de gelo ambulante. Aliás, o Guilherme com sua penna interessante, sabe e póde muito bem definir o que são os Estados Unidos da America, a illusão de todos...

Depois de sua chegada a Hollywood, elle passava a vida nos Studios estudando e palestrando. Daqui não lhe fizeram grande publicidade e nem lhe deram muita attenção. Mas, mesmo assim começou a bôa camaradagem com Olive Borden, durante todo o tempo da filmagem de sua ultima pellicula para a Fox. Agora... tudo mudou: Miss Borden deixou esta fabrica. Foi e... levou toda a alegria do Studio, que hoje em dia, muitas vezes parece inhabitavel, mesmo que todas as companhias estejam trabalhando. Tivemos, digo tivemos porque estava sempre presente, horas agradabilissimas dentro daquelle circulo vicioso: o encanto que ella mostrava tentanto entender seu inglez ou elle seu francez barbaro... era delicioso... Hoje em dia, algumas conversas ao telephone, pequenas visitas, porém, se elle largar o "tuxedo" não irá direito a sua casa, como o do Gonzaga, porém, andará por outras paragens.

Tendo Miss Borden deixado a Fox, o Guilherme começou a fazer pequenas pontas, figurando em alguns films, etc., e desde seu primeiro dia defronte da camera, para a filmagem da comedia de Marjorie Beebe "The Low Necker", tem trabalhado sempre. A este segue-se "A Girl in Every Port" tendo Victor Mac Laglen no principal papel, um outro, com George O'Brien e Lois Moran que se chama "Sharp Shooters", uma comedia que não me recordo o nome, depois com Madge Bellamy em "Soft Living", e finalmente acabo de saber que foi parar no "set" do Frank Borzage em "Lady Cristilinda" cuja interprete é Janet Gaynor, por signal apparece num "close-up" junto de Maria Casajuana. Tambem no film de Madge Bellamy, nas scenas das dansas, póde-se vêr perfeitamente Oly dansando com Marcella Battelini.

Ás vezes elles estão sendo filmados, porém, não tiram photos, dahi vocês não poderem saber ao certo quando ellas passarem ahi.

O Paulo Portanova não está fazendo extra, não quer mais. Para ser elevado a categoria de astro, contractou dois "managers" e anda fazendo "tests" em quasi todos os Studios. O pulo que elle quer dar está difficil de vencer. Muita promessa, muita cousa, porém, ainda nada fez. Até o Murnau, sabem quem é, não sabem?... já fez uma prova com elle.

Voltando ao Guilherme. Indubitavelmente elle se está tornanlo uma figura de extrema sympathia nos Studios, e é interessante ouvir chamal-o pelo nome de "Ó-lym-pi-ô".

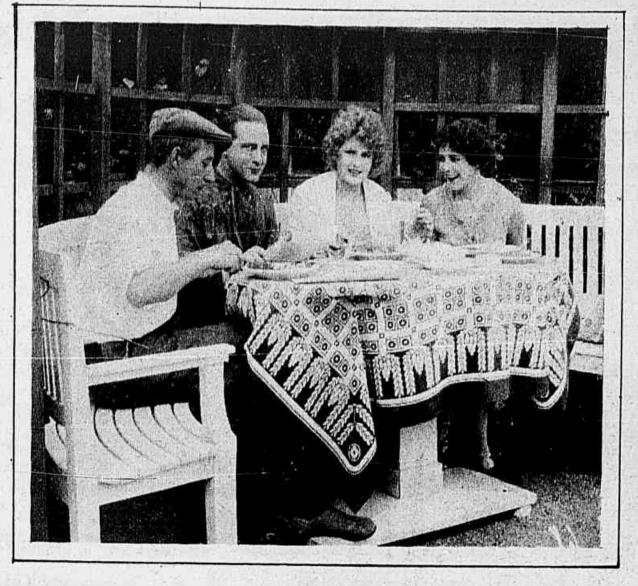
Na comedia que não sei o nome ha um facto gozado. Elle repetiu uma scena cinco vezes e em todas ellas, um homem devia cahir em cima de seu braço, o qual apoiava-se a um poste.

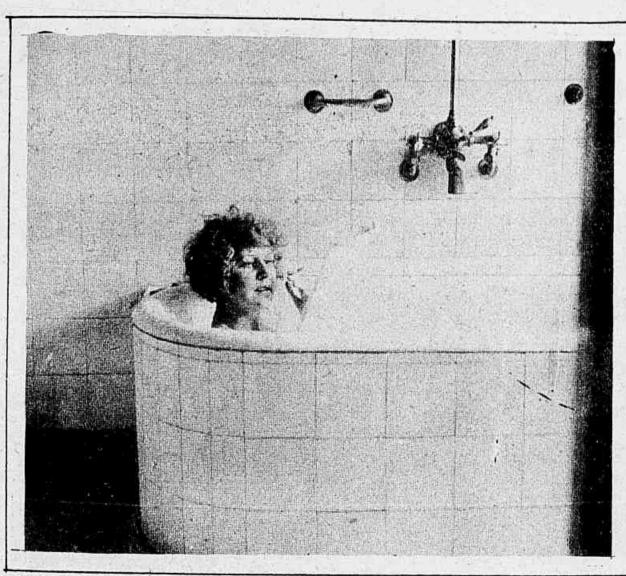
Na quinta vez depois da quéda, elle susteve o bicho emquanto a manivella virava, e... zás... deixou o bruto bater com os costados no chão... Quando o homem levantou estava fulo de raiva, dizendo "God damn", ao que Guilherme respondeu "my arm is not made of iron"... Ha dias, quando cheguei ao Studio da Fox, encontrei todo o mundo interessado com um "Cinearte" que trazia Eva Nil na capa. Todos correram para mim, afim de saber quem era ella. Orgulhosamente disse-lhes ser uma das nossas estrellas brasileiras.

Ficaram admirados, e Janet Gaynor, com toda a sinceridade não mediu palavras elogiosas para Eva Nil, achando-a um excellente typo cinematographico.

Hoje baptisei meu filho nascido aqui nesta Hollywood. Chama-se Robert Chas. Marinho. Presentes estavam F. B. Cué, Zacharias Yaconelli, Paulo Portanova, Isabelle Mc. Donald e Olympio Guilherme, respectivamente os padrinhos, estes dois ultimos. Cerimonia no Blessed Sacrament Church, em Sunset Blvd., ás tres horas da tarde. Mais um brasileiro em Hollywood! Well! Para finalisar tenho a dizer que o Guilherme e o Cumellas estiveram jogando esgrima, jogo este que o primeiro é eximio: o resultado foi o hespanhol ter sido tocado perto da vista, que por pouco lhe custava caro. Garanto que não jogarão outra vez... e, este é mais interessante... mas, ficará para a proxima semana.

LIA E OLYMPIO NO STUDIO

SUZI VERNON E H. V. SCHLETTOW EM "SCHULDIG"

NA ALLEMANHA

BRANDES, WILLY FRITSCH, XENIA DESNI E MADY CHRISTIANS

XENIA DESNI NO SEU "CHALET" DE BERLIM

VERA VERONINA QUANDO AINDA ESTAVA NA ALLEMANHA

FELICITAS MALTEN, RINA E FRITZ RASP NO MESMO FILM.

RINA DE LIGUORO E FRITZ RASP EM "DER GEHEIMNISVOLLE SPIEGEL"

ERA BEM O SEU SONHO DE AMOR QUE SE REALIZAVA...

"MADAME POMPADOUR"

Film da British National Pictures Limited

Madame Pompadour . . . . DOROTHY GISH
René Laval . . . . ANTONIO MORENO
Luiz XV . . . . HENRI BOSC
Maurepas . . . . GIBB McLAUGHLIN
Duque de Courcelette . . . . NELSON KEYS
Gogó . . . . CYRIL McLAGLAN
Madame Poisson . . . . MARSA BEAUPLAN
A creada . . . . MARIE AULT

Direcção de HERBERT WILCOX

Na obscuridade do lôbrego aposento, luziam como uma candeia de fóco duplo as duas pupillas vivazes da velha cartomante. A bocca desdentada abria-se-lhe num esgare de bruxa diabolica, sibilando, uma a uma, as palavras do vaticinio anciosamente esperado:

— Ah! Aqui vem ella! — dizia a megéra, levando mais perto dos olhos o globo de crystal translucido, como em um film cinematographico, o futuro da pequena conjurado pela feiticeira.

— Esta menina nasceu sob o influencia de uma boa estrella — continuava a velha occultista. Ella tem um futuro grandioso! Aos vinte annos terá um reino nas suas mãos e o mais poderoso dos reis a seus pés!

Do lado opposto da mesa que as separava da feiticeira, as duas visitantes recebiam o vaticinio com grande interesse, especialmente Madame Poisson, pois a filha, que a acompanhava, era ainda demasiado ingenua para comprehender o valor daquella predicção.

— Ella não será rainha, affirmava a velha, mas aqui está — dizia — apontando para dentro do globo de crystal — aqui está ella na côrte, cercada de aias e servida pelos fámulos de Sua Majestade...

Viva o Rei! Viva o Rei! Gritava a turba maltrapilha, atopetando a rua, emquanto em sua carruagem dourada passava o mais soberbo, o mais arrogante, o mais licencioso dos soberanos — Luiz XV! E a turba, abrindo alas, vivava o rei de França.

Ao longe, em estridulos metallicos, cantavam no ar as ultimas notas dos arautos reaes, e de espaço a espaço ia morrendo, apagado peia distancia, o alarido causado pela passagem de Sua Majestade.

PARA ESTAR NA CORTE... CERCADA DE AIAS E ADORADA PELOS FIDALGOS...

A MULHER POR QUEM DEVIA SACRIFICAR A VIDA PARA TER UM DIA A GRAÇA DO SEU AMOR!

O bairro voltava novamente á sua monotonia peculiar. Subitamente, vindo de direcção opposta, surgia uma outra manifestação publica. Agora não se tratava mais de uma ovação do populacho ao seu rei: era uma rebellião dos descontentes. E a grita infernal dos apaniguados repercutia, estridente:

— *Morra a Pompadour! Morra a Pompadour! Abaixo a favorita do rei! Morra! Morra!...*

A' frente da turba vinha René Laval, joven porta-voz das idéas insurrectas do seu bando.

Madame Pompadour, tal como havia predicto a cartomante no começo de sua vida, fizera-se, de facto, dona absoluta da vontade do rei. Luiz XV tudo fazia para agradar á encantadora senhora, fôsse o seu acto para beneficio ou flagello do povo, isso pouco lhe importava.

E René Laval, um artista exaltado, á frente dos que seguiam o seu mando, enfurecido, repetia a altos brados:

(*Termina no fim do numero*)

A Mentira Conjugal

Leonardo e Victoria casaram-se para serem "dois em uma só carne", como diz a Escriptura, mas qual delles deveria concorrer para a "unificação" das duas almas? Leonardo, como marido, achava que Victoria é que devia dar de si, subjugando-se aos desejos do senhor da familia.

Por outro lado, porém, tinha Madame a sua opinião formada: o marido é que devia amoldar-se aos caprichos e tiquinhos do seu estatuto domestico, sem o que, dizia, ella, não poderia haver paz e bemaventurança no lar.

Mas está visto que com uma tal attitude nenhum casal jámais viveu em paz, e o nosso tampouco poderia fazer excepção á regra. Para melhor impôr as suas idéas ao marido, tinha Victoria por costume dictar-lhe uma por uma as cousas mais comesinhas da existencia. Era o cigarro que devia fumar, a gravata que devia usar, o fato que devia pôr, a botina que devia calçar — nada, emfim escapava á "jurisdicção" mais que severa de Madame.

E lá veio um dia em que a paciencia, como um elastico, de tanto esticar, partiu!

— Pelo amor de Deus!, dizia o marido. Deixa-me fazer o que me agrade! Já estou farto de comer — de beber — de fumar de accordo com os artigos e paragraphos do teu codigo domestico!

— Nunca pensei que fosses tão cruel, "leopardo!", bradava Victoria, batendo o pé, trincando os dentes de raiva.

——

Helena Davis era um pequena, pintora de profissão, por quem Leonardo vinha sentindo grande sympathia. Quando as cousas lhe corriam mal em casa, era ao apartamento de Helena que o nosso homem ia consolar as suas maguas.

Helena, que não sabia do estado civil do seu admirador, recebia-lhe a côrte com a segunda intenção de toda a mulher: visando uma possivel promessa de casamento. Assim, pois, em vista da tempestade acima descripta, foi Leonardo direitinho á casa de Helena. E como sempre dizia:

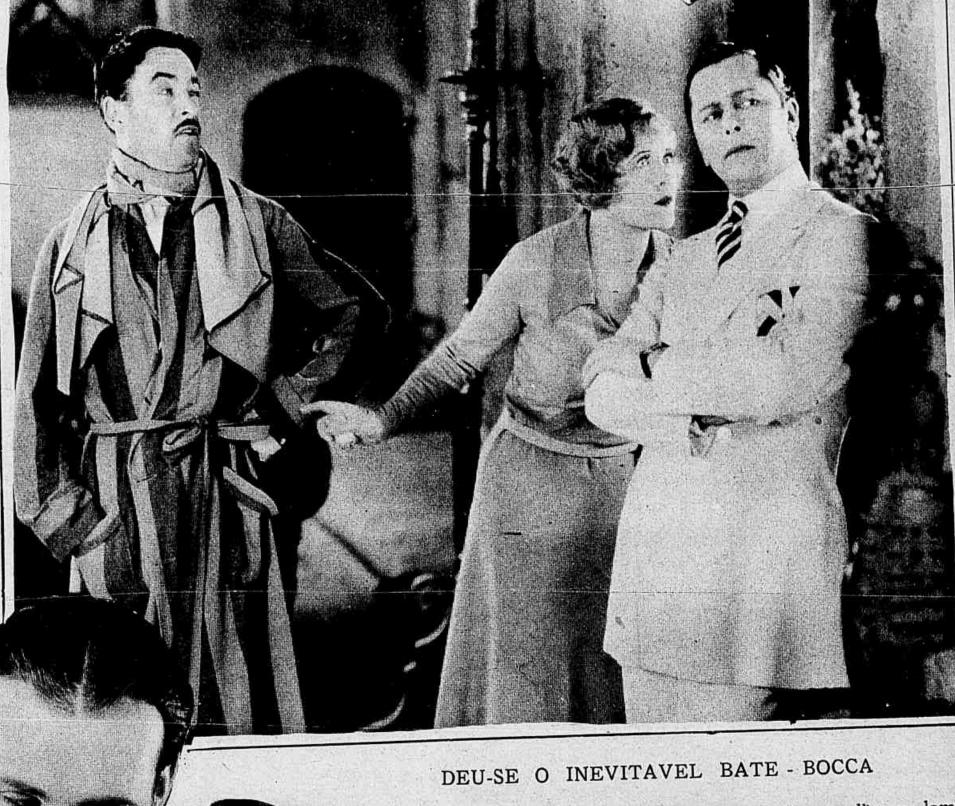
— E' um prazer conversar comtigo, Helena... tu me comprehendes tão bem!...

— Oh, não te faças tão triste, Léo!, dizia ella, procurando dissipar as nuvens de melancolia que atormentavam o rapaz.

Ora, como Helena fosse fazer uma viagem ao campo, Leonardo promptificou-se a acompanhal-a. Assim daria uma lição á esposa. Victoria não saberia com quem elle andava, julgando que a ausencia do esposo fosse um méro capricho para esquecer as brigas em familia.

E no lindo automovel de Helena, puzeram-se os dois a caminho.

Por outro lado, Victoria havia tambem descoberto um poderoso especifico para as amarguras domesticas: a companhia de alguem.

Algum tempo depois, já noite fechada, encontramos o auto em que iam Helena e Leonardo atolado até as orelhas no lamaçal de uma estrada que elles haviam seguido por engano. Estando tão longe do logar para onde iam, só havia um remedio: bater á porta de um casarão que ficava á vista e lá pedir agasalho até o dia seguinte. E assim fizeram.

George La Fuente era o dono da aprazivel vivenda. Rico, jovial e feliz, ali gosava o rapaz de uma vidóca a seu modo, entre livros e obras d'arte, distante do vozerio agitado dos grandes centros. Leonardo e Helena chegaram á porta. Divertiram-se um pouco pensando sobre o risco da empresa, mas só havia uma sahida, era bater. Bateram. Appareceu-lhes o creado grave do Sr. La Fuente. Momentos depois estavam os dois a falar com o senhor da casa, explicando a razão de ali se acharem: que haviam errado o

(Termina no fim do numero)

AMOR!... AMOR!

DEU-SE O INEVITAVEL BATE - BOCCA

JÁ ESTAVA SCIENTE DE TUDO

(THE LITTLE ADVENTURESS)
Film da Producers Distributing Corp.

Helena Davis	Vera Reynolds
Leonardo Stoddard	Robert Ober
Victoria, sua esposa	Phyllis Haver
Antonio Russo	Theodore Kosloff
George La Fuente	Victor Varconi

O ACTUAL MOVIMENTO CINEMATOGRAPHICO EM PORTUGAL

(REYNALDO FERREIRA)

O movimento cinematographico de todos os paizes, faz parte do programma de "Cinearte". Reynaldo Ferreira, a quem se deve a actual actividade da "Reporter X Film" do Porto. escreveu, a nosso pedido, este pequeno artigo especial para "Cinearte".

ALEXANDRE AMORES E O MENINO EDGAR FERREIRA NUMA SCENA DO FILM "TAXI 9297"

ALVES DA COSTA E ALBERTO MIRANDA EM "HYPNOTISMOS AOS DOMICILIOS"

Longe, muito longe, vae a época em que os films eram produzidos, pelo mesmo rythmo mecanico dos sabões ou dos parafusos. Longe vae a época em que os "metteurs-en-scéne" mal ensaiavam os artistas, não repetindo nunca uma filmagem; em que Charles Pathé arrancava os cabellos quando uma pellicula saia a mais de doze francos o metro; em que a celebre Eclair estabelecia o praso de duas semanas para a realização de mil quinhentos metros.

Travada a lucta industrial entre os Estados Unidos e a Allemanha — difficilmente, aos outros paizes, é permittido regularem a sua producção cinematographica. A França solta os seus films — como um asmático respira — e a Italia, a antiga Ford da arte do silencio vive artificialmente aos balões de oxygenio que o governo lhe offerece. Portugal é, dos pequenos paizes europeus, aquelle que mais tem teimado na constituição de uma cinematographia propria. O facto de ser um pequeno paiz não impediria de triumphar. Menor era a Dinacarca — e ella, através da Nordisk, chegou a enfaixar o mundo inteiro com as suas pelliculas; e os "yankees" basearam-se na escola dinamarqueza para crearem a sua escola. A Suecia, que não sendo um paiz minusculo, é um estado de reduzida população e de poucos Cinemas, possue a Svenska — que foi a inspiradora da Allemanha da "Ufa" e da "Terra" — e cujos films são sempre aguardados com impaciencia.

Para que Portugal possa vencer no "écran", necessita, simultaneamente de dois factores: coragem e visão larga dos capitalistas e inspiração dos seus realizadores. No dia em que os technicos lusitanos tiverem encontrado o criador de um "typo" de producção, que não se assemelhe aos existentes mas que offereça originalidade e interesse internacionaes — Portugal, tal como é, terá a amplitude do mercado mundial.

ANTONIA DE SOUZA, ALVES DA COSTA, ROBERTO FERNANDES E OUTROS EM "TAXI 9297"

SCENA DA COMEDIA "VIGARIO FOOT-BALL - CLUB"

Mas é precisamente o que, até hoje não acompanhou parallelamente as dezenas de teimosas iniciativas nacionaes; e sem esses dois componentes — a industria cinematographica portugueza caminhará como um cego sem bastão...

A mais séria das iniciativas modernas é, sem duvida, a da Invicta-Films do Porto — fundada em 1920, se não estou em erro. Possuia algum capital — não o sufficiente; mas faltava-lhe o technico que reunisse as duas qualidades essenciaes: espirito nacional e inspiração

(Termina no fim do numero)

Ouro é o que ouro vale

(H A N D S O F F) — *FILM DA UNIVERSAL*

SANDY LOOM .... FRED HUMES
MYRA PERKINS .... HELEN FORSTER
HAWLEY .... NELSON MacDOWELL
SIMEON COE ....BRUCE GORDON
JUIZ EMORY .... WILLIAM DYER
JACK MANNERS .... BUCK CONNOR.

Lá, no longinquo Oeste, Sandy Loom, amigo de aventuras, com os seus dois velhos companheiros, Hawley e Jack Manners, ambos inimigos das mulheres, andavam em busca de fortuna, já tendo juntado um sacco, com algumas pepitas do precioso metal, que tinham encontrado em penosas buscas.

Subito, na curva de uma estrada, viram que uma joven os chamava de uma tosca barraca. Sandy approximou-se e entrou. Num leito, estava um velho deitado e a moça, debulhada em lagrimas, ao lado. O ancião contou rapidamente a sua triste historia e pediu a Sandy que protegesse a filha, ameaçada por um bandido, Simon Coe, que pretendia se apossar da mina que elle ha muito explorava, na esperança de achar ouro.

O velho expirou e Sandy levou a serio a sua missão, muito embora os amigos se oppuzessem a isso. Installou-a confortavelmente e proseguiu na excavação da mina, conseguindo que, afinal, os amigos chegassem ás boas, não obstante ter elle gasto o que possuiam na compra de mantimentos e outros objectos necessarios.

Simeon Coe conseguiu a sympathia para a sua causa do juiz Emory, que pretendia nomeal-o tutor da moça e levou-o á barraca, na intenção de intimar Sandy a entregar-lhe Myra. Mais esperto que o outro, Sandy fugiu com Myra, ao tempo em que os companheiros do rapaz furavam o deposito de gazolina do auto do juiz, que ficou na estrada, emquanto os dois fugitivos se distanciavam.

Emory ficou furioso e resolveu não mais dispensar a sua protecção a Coe. O delegado, sem conhecer as novas disposições do juiz, pretendeu defender os interesses de Coe e deteve Sandy e os seus companheiros, recolhendo-os á cadeia.

Simeon se apoderára de Myra. A situação era grave e os prisioneiros envidavam esforços para se libertar. O juiz, sabendo do acto do delegado, manda pôr os presos em liberdade.

Sandy parte em perseguição de Coe. Depois de outras peripecias intensamente dramaticas, Sandy encontra Myra, perdendo Coe tragicamente a vida.

Passada a borrasca, surge a aurora da felicidade para o valoroso rapaz e para a creaturinha que o adorava.

LILLIAN GISH NA U. A.

Lillian Gish acaba de assignar um contracto de dois annos com a Art Cinema Corp. para estrellar uma série de films para a United Artists. Ella fará um ou dois films annualmente, e o primeiro será apresentado em Setembro. D. W. Griffith dirigirá o seu primeiro film. Que resultará de um film de Lillian dirigido por Griffith, após tantos annos de separação?

O director norte-americano Sidney Olcott assignou um longo contracto com a British Lion Film, empresa de Londres, para ser o chefe dos seus Studios. Os inglezes vão de mansinho...

Norma Kerry estrellará "The Michigan Kid", para a Universal. Irvin Willat será o director.

Consta que William K. Howard, um dos mais brilhantes cerebros dentre os novos directores, irá fazer parte da M. G. M., quando terminar o contracto que tem com De Mille.

Camilla Horn substituiu Dorothy Sebastian como heroina de John Barrymore em "Tempest", da U. A. Sam Taylor tambem substituiu Slav Tourjansky na direcção. Quando acabarão as substituições no elenco e na direcção de *Tempest?*

Foi fundada em Berlim uma empresa russo-allemã, com o fim de incentivar a producção na Russia e na Allemanha. Chama-se Derupa, e tem muito sangue do Soviet nas suas veias...

PEQUENAS DE HOLLYWOOD

AGNES ALLISON

NANCY PHILLIPS

DORIS HULL E THELMA TODD

DORIS DAWSON

JEAN STEWART

GAIL LLOYD E NANCY DOVER

PORQUE OS ARTISTAS GANHAM BEM

ESTHER RALSTON

CLARA BOW

DOLORES COSTELLO

Este é o outro lado da historia.

E' impossivel fazer-se um calculo approximado do numero de pequenas em todo o mundo que desejam entrar para o Cinema. E' uma seducção terrivelmente fascinante. Tudo nos films tem formidavel poder de attração — nelles ha, festas dansantes, chás e reuniões a bordo de "yachts", onde os "cocktails" têm livre transito; ha scenas deliciosas sob o brilho morno e sensual das noites dos mares do sul; e tambem riquissimas "limousines", perfumados "boudoirs" e assim por diante, "ad infinitum".

A vida nos films parece uma interminavel fila de sensações e prazeres.

Entretanto... ella é bem differente. Da mais brilhante estrella ao mais humilde "extra", as cousas desagradaveis que cercam a gente de Cinema são sem conta.

A mais bella rainha, por exemplo, que V. tenha visto um dia rodeada dos mais elegantes fidalgos, póde estar, algumas horas depois, apenas mettida num buraco de lama ou com agua até o pescoço. O mundo geralmente desconhece os sacrificios que faz uma estrella da téla para dar realismo aos films em que apparece.

Dolores Costello em "A Million Bid", passou duas horas a receber toneladas de agua fria, só numa scena. Em consequencia disso apanhou um fortissimo resfriado, que muitos receios causou em Hollywood.

Em "O Mo-inho Vermelho" Marion Davies teve que cair dentro de um buraco de gelo. Ao sahir tinha o rosto coberto por uma camada de gelo que artificialmente lhe foi applicada e a pelle do rosto quasi gelada.

Marion não reclamou; della não se ouviu um só protesto.

Ha poucos mezes umas trinta pequenas encantadoras tiveram que "bancar" filhas de Neptuno numa comedia. A companhia foi ter na parte do Pacifico mais fria que se conhece — entre Catalina e o Canadá.

Durante duas semanas a filmagem correu ininterruptamente — as pobres pequenas durante esse tempo mergulharam em todos os pontos da praia. O unico allivio para as pobres criaturinhas estava nos fracos raios do sol. Os seus corpos tremiam ao vento. Soffreram. E ganhavam apenas, dez dollares por dia!

Não ha ainda muito tempo May Mac Avoy appareceu no Café Montmartre, de Hollywood, com um olho todo preto.

De todos os lados surgiram perguntas curiosas.

"Que foi Miss Mc Avoy? Que aconteceu?"

"Kathleen Key atirou-me com uma batata", foi a resposta.

Num outro canto do café Miss Key almoçava com um grupo de amigas.

"Fui eu mesma. Naturalmente não o fiz de proposito. Não procurei um alvo. Estou deveras sentida. Não sei como é que o diabo da batata foi feril-a."

Ellas haviam feito uma scena [illegible] "Irish Hearts", que exigia uma luta feroz. Os projectis eram vegetaes... E Miss Mc Avoy passou uma semana com o olho esquerdo meio fechado... Uma das mais desagradaveis meias horas que uma estrella já experimentou em Hollywood foi a que teve por principal figura a linda Esther Ralston. Filmavam uma scena de "Os Mandamentos Modernos", onde a formosa loura interpretava o papel de uma corista.

Foi na scena em que ella é iniciada pelo grupo de coristas suas futuras collegas. A munição era representada pelos potes de "cold cream".

Dorothy Arzner gritou por alegria e certa violencia nos "tiros".

O nariz de Esther foi attingido. Depois os olhos. Seguiu-se uma avalanche de "cold cream". Tentou abrir a bocca e logo enguliu uma boa porção. As orelhas desappareceram.

Os leitores certamente devem ter visto como ficou a linda Esther.

Pois bem, quando o tiroteio terminou e o "cold cream" foi retirado, Esther chorava...

Nathalie Kingston e Milton Sills recentemente fizeram um film cuja acção se passa numa mina de diamantes.

Entre os "sets" construidos havia um comprido tunel, cheio de lama. A historia exigia que o astro e a heroina fossem parar dentro deste tunel. E Natalie Kingston, uma das mais fracas artistas da téla, durante cinco horas andou mettida neste inferno de lama. Antes de entrar na lama ella untou o corpo com graxa, para evitar o frio.

As quatro horas da tarde ella e Milton Sills sairam do tunel para uma ligeira refeição.

Depois disso voltaram para o banho de lama, onde se conservaram mais seis horas.

Era quasi meia noite quando Natalie voltou, tremula e fraca. Antes, porém, de ir para a cama foi submettida a duas horas de massagem. Realismo? Certamente.

Neste caso nem siquer podia fazer-se uso de um "double", pois toda a acção tinha logar deante da "camera", a tres metros da objectiva.

Hal Roach mandou uma companhia ao deserto de Nevada filmar uma sequencia para um film qualquer. Na companhia estavam Viola Richards e Stan Laurel. Havia um buraco cheio d'agua em que ambos tinham que se metter. O

(Termina no fim do numero)

DE HOLLYWOOD PARA VOCÊ

POR L. S. MARINHO — (REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD.)

Não deixa de constituir um grande prazer quando se ouve palavras elogiosas a nossa patria, ditas por um estrangeiro.

George Fawcett o conhecido e veterano actor, o homem dos mil caracteristicos como os leitores bem conhecem, em animada palestra, referiu-se ao Brasil como sendo um paiz muito amante de Cinema. Elle proprio idealizou a quantidade de Cinemas ahi existente pela grande proporção de cartas que recebe. Não me falou, como muitos, — dá vontade de visitar o Brasil — nada disto; mostrou-se grande admirador do paiz, sem comtudo manifestar esta idéa de visita.

Encontrei-o no "set" da "The Private Life of Helen of Troy" que a First National está filmando. Ignorava que no "cast" estivesse incluido seu nome. Foi grande meu contentamento em travar conhecimento com tão distincto caracteristico. Muito gentil, attencioso e sem pretenções a parecer grande personalidade tão commum aos artistas de nome.

Em o film acima cuja direcção está entregue aos cuidados de Alexandre Korda, Fawcett está tentando immortalisar "Eteonens".

Nascido em Richmond Va., e graduado na Universidade de Virginia, começou sua carreira artistica com 21 annos.

Em 1914 foi chamado a Hollywood para fazer o seu primeiro film, levado a effeito no velho Studio da Morosco, tendo feito o papel de juiz no film "The Magesty of the Law", e posteriormente com Ince. Em 1915 Alan Dwan dirigiu-o com Dorothy Gish no film "The Habit of Happniess" e tambem Douglas Fairbanks para a Triangle.

Desta data em diante tem feito uma quantidade enorme de films, que os seus verdadeiros admiradores devem bem estar lembrados.

Seria uma lista sem fim se eu fosse escrever toda sua carreira na téla! Aquella expressão de rudeza tão commum em seus films, elle a tem na realidade, porém ao se estar em contacto com elle, o receio derivado desta expressão, desapparece por completo. Captiva seu modo de tratar, e sua conversa não é vazia de interesse.

Com um "Isu yon later" deixei o velho Fawcett na porta de seu camarim pois os trabalhos daquelle dia estavam terminados.

—

Foi um dia das grandes surprezas agradaveis...

Desde que estou em Hollywood, hoje pela primeira vez vi a bandeira brasileira no escriptorio de um americano. Mr. A. G. Volck, "assistente general manager" do Studio De Mille. Mr. Volck é filho da Baroneza da Gama e ama tanto o Brasil como qualquer brasileiro.

E' uma bandeirinha pequena, igual a que carrego no bolso para mostrar a este povo, no entanto, no seu diminuto tamanho comparada com a grandeza daquelle escriptorio, resplandecia com toda punjança, e ao se entrar ali, é a primeira cousa que se percebe, além do coração amante e amigo do Brasil que tem Mr. Volck. E, assim é que nosso paiz está se tornando popular em Hollywood. E muito ou tudo se deve ao "Cinearte". Já é muito sabido que falamos brasileiro e que não temos toureiro, e que somos um povo tão civilisado como os demais, não pelo que acima exponho, porém, por outras circumstancias mais. Raro é aquelle que não conhece "Cinearte", e alegremente ouço boas narrativas sobre o Rio de Janeiro de pessoas que já estiveram ahi.

Acabo de chegar á casa quando o telephone tocára. Chamavam-me para ir ao Studio da Columbia fazer um "gag". Certamente que acceitava... Não sabia quem seriam os artistas e lá chegado, tive a grande surpresa de falar com a linda e sympathica artista Viola Dana. Que deliciosa creatura!... Agradeceu-me a capa que lhe foi dedicada ha tempo, e disse-me que eu por intermedio de "Cinearte" mandasse lembranças ao povo brasileiro, tão gentil para ella. Queria que vocês ouvissem dizer com sua voz maviosa "my regards to the brasilians, nice people". A seu lado estava trabalhando o Ralph Forbes, interessado na leitura (!) do exemplar que lhe mostrei.

L. S. MARINHO E GEORGE JESSEL NO STUDIO DA WARNER BROS.

Durante a filmagem de "So This is Love" tendo Frank Capra na direcção, e cuja historia versa sobre uma fabrica de "luncheons", em caixas, estas eram servidas aos presentes e aos extras, como refeição. Quando lá estive assistindo aquellas scenas tive a impressão exacta de estar em uma fabrica verdadeira, entre aquelle mechanismo todo. Serviram-me de um excellente chá acompanhado de uma caixa com "luncheon" o qual devo confessar foi magnifico. Passadas aquellas scenas, e havendo ainda grande quantidade de caixas, foram as mesmas distribuidas para ás familias pobres, por intermedio de uma instituição de caridade.

Sempre imaginei Joseph Shildkraut um rapaz bonito, porem, depois de vel-o pessoalmente, fiquei desilludido. Feio... O mesmo succedeu com seu pae; que homem velho e murcho!... Muita gente boa ignora que em Hollywood, o Brasil tem um consul na pessoa de Mr. James M. Sheridan; americano, em verdade, porem, com o coração tão brasileiro como o meu. Cavalheiro de fino trato, bella educação, relevada intelligencia e grande amigo nosso. Foi outra surpresa para mim. Em um jantar intimo, admirou tanto a Olympio Guilherme que desejou fosse seu filho.

Isto foi antes de entrar o inverno, que digase de passagem, não é tão rigoroso como em New York, felizmente. Desde que estou nesta aprazivel terra de astros rutillantes e de pretendentes a astros, ainda não tinha sentido um calor tão forte. O nosso Guilherme que está com este nome por pouco tempo, pois tem que modificar, para effeito de propaganda, achava que isto aqui era um forno, porem, em outros dias, acha o clima adoravel, francamente não entendo... Não é sem razão que com o calor e a quentura das luzes, façam os cabellos do Stuart Holmes mais vermelhos que são; eu não sabia que elle tem cabellos de fogo, voces sabiam?

Creiam que deixei de ir a um certo Studio, somente para não encontrar com o Kenneth Harlan, o ex-marido da adoravel Marie Prevost. Que homem!... Penso que não foi sem razão que ella o mandou andar... A proposito de mandar andar. Em Hollywood, a peior praga que existe é a dos suppostos actores, e que felizmente aos poucos vão desapparecendo da circulação, quando reconhecem sua incapacidade cinematographica... Elles aqui chegam tocando suas trombetas alarmantes, phantasiados de mentira, procurando enganar a todos, em sua suave ingenuidade, julgando-os tolos. O resultado disto tudo, é sempre previsto. Julgam-se bem alto, e quando levam o tombo, ficam impossibilitados de se erguerem. Depois... não é preciso dizer o que se segue... somente os que ficam dão graças a Deus...

E' uma alegria que entra quando se conversa com Olive Borden e se vê Jack Duffy com aquelle cavaignac espiatorio, pelo Gower Street tirando retrato para publicidade. Recentemente Hollywood teve um "newcomer" porem, sem alarde, porque os papagaios de Dorothy Philipps não falam bastante; somente os nomes das visitas mais frequentes á sua casa, e por falar em Miss Philipps, eu tenho a certeza de que ella é bastante admirada no Brasil, e principalmente pelo signatario deste, talvez seu primeiro "fan" brasileiro. Isto data de uns treze annos, quando a vi pela primeira vez em um film da Universal. Não esqueci que era meu dever entrevistal-a, e desde que cheguei aqui, com toda esta infinidade de estrellas faiscantes, não me fez olvidar a interprete de "Com Direito á Felicidade", porem, a opportunidade não surgiu ainda. Nesta hora que escrevo estas linhas, acabo de telephonar inquirindo sobre sua saude, pois ha quatro mezes que se acha no hospital. Vel-a-ei um dia, tenho certeza, mesmo

que já tenha abandonado o Cinema, o que penso ella não fará presentemente. Com Dorothy Philipps, tenho receio de uma grande desillusão, depois de tel-a posto em tão alta estima por tão longo tempo.

Mas... se tudo sahir a contento, prometto a todos os "fans" que farei uma palestra digna de sua pessoa.

Quero dizer mais um pouco sobre a Olive Borden; se os leitores soubessem quem é Olie na vida real, garanto que no proximo anno haveria mais brasileiros em Hollywood que em qualquer parte da Europa... E... emquanto isto não succede, vão se contentando com as lembranças que ella manda...

Eu gosto sempre de apreciar as manias dos demais. Não sei se eu tenho alguma, porém como estou tratando dos outros, as minhas não são levadas em conta. Assim é que Lois Moran traz sempre um vestido preto dentro do automovel: Cecil De Mille tem sempre na mão algumas moedas; o director Al. Green dois phosphoros atraz da orelha, um outro não larga um pedaço de corda e outros que não me recordo. O Victor Mc. Laglen é um pandego, sempre me perguntando quanto tempo eu vou ficar em Hollywood. Num dia, em menos de uma hora, respondi esta pergunta a cinco pessoas differentes!... Elle é um bom camarada, simples e não tem a sizudez convencida do Theodore Kosloff. Na maioria estas estrellas e semi-estrellas, são gentis por convenção: outros, sua gentileza é nata, palpavel... porém, eu desejava que os leitores observassem os extras... Eu jamais pensei que um extra fosse tão convencido... Ainda estou por ver gente tão fôfa, isto é tão despido de interesse, como sejam os aspirantes do Cinema. Quando não estão em scena, quedam-se em um canto jogando cartas ou estupidamente sem graça, numa importancia doentia e as vezes faminta, se me permittem o termo. Bem parecem "boss" (patrão) no entanto são tratados com tanto desprezo!... Olympio Guilherme tem melhor observação a este respeito, perguntem a elle.

As admiradoras do Mario Marano podem perder a esperança de vel-o na pantalla, como dizem os hespanhóes. Como muitos outros desistiu de querer ser astro... depois de tudo..: E' um grande "game" como dizem aqui se referindo ao Cinema, esta questão de querer quando não permanece como extra, fracassa, deixando a cidade sem lhe sentir a falta. A industria cinematographica não podia nem pode comportar tanta gente sem juizo... tantos illudidos. E, passando da industria para as opportunidades existentes em Hollywood, estas são contadas: vender terrenos, automoveis, restaurantes e fabricar mentiras...

Hollywood é terra para ser adorada de longe, ou mesmo de passagem; perto, passados os primeiros momentos, os primeiros dias de enthusiasmo e boas impressões, permanecendo, faz-nos tremer de pavor.

As autoridades de Los Angeles estão usando um novo processo contra excesso de velocidade: em vez de multa, fica o culpado prohibido de guiar automoveis. Assim é que Monte Banky anda a pé ou em carro dirigido por outra pessoa e alguns mais.

Por outro lado, existe agora uma corrente de antagonismo contra os artistas extrangeiros. Rod La Roque está chefiando o movimento. Querem mesmo ver se conseguem uma clausula na quota de immigração, afim de que elles fiquem barrados ao chegarem aos Estados Unidos. Elephante...

Estando nos Studios da Warner Bros., fui encontrar George Jessel sentado no chão sob um sol abrasador e todo rodeado de reflectores, filmando scenas para o film "Sailor Murphy". Muito amavelmente, depois da scena que filmava, consentiu em palestrar commigo por alguns minutos.

George não é veterano na scena muda, é artista de palco, e já de alguma nomeada, tendo grangeado fama depois de seu grande successo em Broadway em "The Jazz Suiger" que a Warner iria filmar com elle e não sei porque Al. Johnson tomou seu logar. Nota-se muito em sua interpretação a escola de palco que possue, pois desde a idade de oito annos trabalha na ribalta, cantando e dansando.

GEORGE FAWCETT

Por dois dias George escapou de ser um primeiro de Abril. Elle descende de um grande escriptor theatral, pois seu pae além de gerente de um grande theatro em N. York, foi quem produziu, em collaboração com o pae de Wallace Reid, a famosa peça "La Belle Marie". Já seu avô Sir George Jessel foi conselheiro real e mestre de cerimonias da rainha Victoria de Inglaterra.

Mas por isso mesmo é que George herdou de seus antepassados varios caracteristicos. Pelo menos, se não escreve peças, tem composto varias canções populares, parece-se com um lord quando põe a cartola, e está se tornando famoso como artista de Cinema.

Não é para falar mas Viola Dana, quando me viu, disse ter chegado a opportunidade de agradecer a capa que teve no "Cinearte". Gostei da Viola, bôa pequena.

Vi Dorothy Dwan esperando a hora de uma entrevista. Com quem?

Victor Mc Laglen pela Western Ave. em direcção ao Studio, simples como qualquer mortal...

Sally O'Neil e Claire Windsor foram contractadas pela Tiffany.

Lupe Velez, Warner Oland estão no elenco do "Stand and Deliver", o proximo film de Rod La Rocque para De Mille.

Olympio, Cumellas e Casajuana são bons amigos, andam sempre juntos.

Quando Virginia Valli voltou de sua recente visita a N. York, trouxe uma linda creação de vestidos. A proposito que fazia Miss Valli e Charles Farrell de mãos dadas passeando pelo Studio.

Lois Moran terá o principal papel feminino em "I will Not Marry?" Este papel era de Olive Borden.

Gostaria de saber o que fazia Rupert Julian no "hall" do Studio. Falava com uma pequena!

Fazendo tanto calor, por que será que o Cecil De Mille usa luvas?

June Collyer e William Russell abraçados passeando nos outros "sets"... Com certeza Helen Fergunson não é ciumenta.

Armando Kaliz terá um papel de destaque na proxima producção da Columbia sendo Shirley Maison a estrella.

Billie Dooley disse-me ter sido a primeira vez que tem sua cara na capa de uma revista. "De todo meu coração agradeço á "Cinearte", foram suas palavras.

Se vocês vissem o tamanho da Frances Lee!... Que mignon que é...

C. Gardner Sullivan, antigo chefe de continuidade de Thomas Ince, foi admitido como productor-associado da United Artists.

LORETTA YOUNG

MARY NOLAN

ESTRELLINHAS QUE SURGEM

SALLY PHIPPS

Reuniram-se em Genova, em conferencia internacional, os delegados dos seguintes paizes, afim de decidirem sobre a eliminação de certas restricções a importação de films:

Estados Unidos, Inglaterra, Allemanha. Australia, Austria, Belgica, Bulgaria, Canadá, Colombia, Cuba, Dinamarca, Egypto, França, Grecia, Hungria, India, Finlandia, Irlanda, Italia, Rumania, Luxemburgo, Sião, Hollanda, e Polonia, Suissa e Portugal. Onde ficou o Brasil?

卐

A producção ingleza, que em 1925 foi de 34 films, desceu a 23 em 1926, para em 1927 subir a 60. Felizmente, porém, ninguem os importa...

卐

"The Broken Mark" foi filmado em 6 dias no Studio da Tec-Art. Barbara Bedford, William V. Mong, Cullen Landis e Wheeler Oakman tomam parte.

卐

O proximo film do par Mary Astor-Lloyd Hughes para a First National será "Do It Again" e "Lady Be Good", é o titulo do proximo vehiculo de Dorothy Mackaill e Jack Mulhall para a mesma empresa.

卐

A Fox pediu emprestadas a Paramount e a Warner respectivamente as estrellas Louise Brooks e Myrna Loy, para dois dos mais importantes papeis em "A Girl in Every Port", com Victor Mac Laglen. Maria Casajuana, Gladys Brockwell e Robert Armstrong tomam parte.

卐

Falla-se novamente em Hollywood, e desta vez com muito mais insistencia, na volta do grande Eric Von Stroheim á Universal City.

E' verdade — dizem que a gente da Paramount achou material sufficiente em "The Wedding March", para dois grandes films. Tanto que já decidiram exhibir o outro logo depois do primeiro. Von Stroheim não se corrige...

卐

Charles Chaplin segundo as ultimas notas que recebemos de Hollywood está disposto a em 1928. produzir pelo menos 4 films, para desforrar-se dos dois annos que gastou com a filmagem de "The Circus". Parece que o que levou o grande comediante a essa resolução foi a necessidade urgente de refazer as suas finanças, quasi arruinadas com a dispendiosissima filmagem de "The Circus", e com o recente processo de divorcio que lhe moveu Lita Gray.

卐

Tod Browning conseguiu chegar as bôas com a M. G. M. Acaba de assignar um novo e longo contracto com essa marca.

ALTO BORDO

(HIGH STEPPERS)

FILM DA FIRST NATIONAL DO "PROGRAMMA SERRADOR" que será exhibido no ODEON.

JANETTE SÓ CHEGAVA DE MANHÃ...

QUIZ O DESTINO QUE ELLE ENCONTRASSE AUDREY

AUDREY NYE .... MARY ASTOR
JULIANO PERRYAM ..... LLOYD HUGHES
PAULETTE IFFIELD .... DOLORES DEL RIO
JOHN PERRYAM .... ALEC FRANCIS
JANETTE PERRYAM ..... RITA CAREWE
CECIL BUCKLAND ...... JOHN T. MURRAY
MAJOR IFFIELD ...... JOHN STEPPLING
SRA. PERRYAM .... CLARISSA SELVYNNE
TIO JOSEPH .... CHARLES SELLON.

John Perryam, director do periodico "A Semana", jornal que vivia principalmente de fazer barulho, explorando escandalos, politicos ou não, não se sentia bem naquelle logar. Era director por indicação de Cecil Buckland, director-proprietario do jornal, e si continuava com o logar é porque tinha a familia a seu cargo — a esposa. a filha e o filho. Mal sabia elle que si trabalhava como um mouro, por um lado, pelo outro tanto a mulher como os dois filhos tratavam de esbanjar.

A esposa vivia na "alta sociedade", ostentando vida de alto bordo, fazendo-se sempre acompanhar de um joven lord (digamos de passagem que este romance se passa em Londres, pouco depois de terminada a guerra, ahi por uns dois annos) nos seus passeios e nas suas idas á Opera.

A filha, essa não chegava em casa nunca antes do sol, e em que estado, meu Deus! Quanto ao filho, Juliano, esse estava na Universidade de Oxford. E a esperança do pobre Sr. Perryam, esvaiu no dia em que elle chegou... expulso da Universidade, pelo muito que fizera!

E Juliano sentia-se bem. Dizia que ia trabalhar... Mas o certo é que o seu primeiro trabalho consistiu em namorar uma linda vizinha, uma francezinha casada com um major do exercito americano. Paulette Iffield occupava o tempo e o coração de Juliano, até o dia em que houve a intervenção do marido della, não para um desforço, mas para aconselhar o rapaz que tomasse outro rumo, visto como o que ella queria era apenas brincar com elle. Indignado elle a procurou, para ouvir della não a confirmação de que estivera a brincar com elle, mas a prendel-o para o fim de levantal-o, de lhe insuflar no animo o desejo do trabalho e de fazer alguma cousa pela sua patria, pela humanidade. E Juliano, em sahindo dali, cruzou-se com um par de invalidos da grande guerra, dois amigos que se valiam um ao outro: — um era cégo e o outro perdêra os braços... Tudo aquillo actuára em seu animo, de modos que John Perryam naquelle dia recebia a grata nova de que o filho ia empregar-se. E, de facto, Juliano achára logar como reporter em um outro grande jornal de Londres.

Começou a sua nova vida, e foi então que quiz o Destino que elle viesse a encontrar Audrey Nye, a linda stenographa do director da "Verdade". E desse encontro nasceu primeiro uma camaradagem, e depois amizade e por fim um laço bem mais forte que lhes prendeu os corações.

Continuando a sua vida de reportagem, Juliano veio a descobrir uma cousa que o entristeceu: — "A Semana", o jornal em que trabalhava seu pae, abrira uma subscripção pelas "viuvas da guerra", e sabia-se terem sido enviados muitos fundos e joias; pois bem, elle vira se fecharem as portas ás "viuvas" sob a pretenção de que os fundos tinham se esgotado... E elle vira naquelle momento mesmo chegar o correio, com

PAULETTE OCCUPAVA O TEMPO E O CORAÇÃO DE JULIANO

(Termina no fim do numero)

ESTA
E' A
MARIA
A QUEM DERAM
KORDA...

Louise Fazenda será a companheira de Charles Murray em "Julius Cezar", comedia da First National. Carey Wilson escreveu a continuidade.

Lena Malena, estrella germanica, sob contracto com De Mille, foi por este emprestada a United Artists para um importante papel em "Tempest", de John Barrymore.

Hugh Allan será o galã de Elinor Fair em "Sin Town", da Pathé-De Mille.

"Sadie Thompson", o segundo film de Gloria Swanson para a United Artists, foi terminado, e muito breve terá a sua estréa em Nova York.

Jack Holt, Alice Day, Hobart Bosworth, Constance Howard e Coy Watson são os companheiros de William Haines em "The Smart Set", da M. G. M. Jack Conway é o director.

Sam Hardy foi incluido no elenco de "Burnnig Up Broadway", da Sterling. Phil Rosen dirige e Robert Frazer, Helene Costello e Ernest Hilliard têm os papeis principaes.

A recentemente formada Tiffany-Stahl, sob a orientação de John Sahl, promette tornar-se uma das mais forts marcas norte-americanas. Assim, é que sob contracto lá se encontram os seguintes artistas: Claire Windsor, Evelyn Brent, Pauline Starke, Dorothy Sebastian, Gertrude Olmstead, Belle Bennett, Anita Stewart, Alice Day, Eve Southern, Georgia Hale, Patsy Ruth Miller, Barbara Bedford, Patricia Avery, Margaret Livingston, Harrison Ford, Lowell Sherman, Malcolm Mc. Gregor, Kenneth Harlan, Eddie Gribbon, Johnny Harron, Montagu Love, Tom Santschi, Bert Lytell e Walter Hiers.

Entre os directores nas mesmas condições estão King Baggott, Phil Rosen, George Archainbaud, Christy Cabanne, Al Rayboch, Louis Gasnier e Marcel De Sano.

MARY PHILBIN, HEROINA DE GRIFFITH EM "DRUMS OF LOVE"...

A TELA EM REVISTA

RIO DE JANEIRO

IMPERIO:

"A Mão Invisivel" (Soft Cushions) — Paramount — Producção de 1927.

Douglas Mac Lean procurando sentir-se como o outro Douglas nas ruas de Bagdad e dentro de um harem. Douglas Mac Lean "bancando" um ladrão e, como disse um collega "yankee", pronunciando palavras genuinamente de Broadway. Douglas Mac Lean mostrando que tambem póde entrar para a United, com tanto dinheiro gasto em montagens. Mas Douglas Mac Lean nada conseguiu — nem imitar a agilidade de Fairbanks, nem roubar a sympathia do publico, nem justificativa para o dinheiro gasto. E' uma fraca tentativa de fazer rir. Si não fosse a linda Sue Carol eu sahia do Imperio antes da terceira parte. Emfim, póde ser que agrade aos admiradores do astro, mas nem como parodia é acceitavel.

Cotação: 4 pontos.

LYRICO:

"Sacrificio de mulher" (Die Flucht In Den Zirks) — Greenbaum Film — (Urania).

Um film regular com a artista italiana Marcella Albani. Por emquanto não passa de uma linda figura, não tendo ainda se revelado uma bôa artista. Já em "A divorciada" ella deixou a desejar; agora, porém, vae melhor um pouco.

A historia de "Sacrificio de mulher" é bôa, abrangendo um velho thema, assim a la "Ressureição" tendo sido escripta por Leo Birinfti e parte por Mario Bonnard que tambem foi o director da producção. No elenco veem-se tambem: Hans Mierendorf, muito conhecido aqui por varios films allemães, Wladimir Gaidaroff, Hanni Reinwald, Carla Grunwald, Eugen Burg, Louis Ralph, Frida Richard e muitos outros, dos quaes, alguns conhecidos.

O film poderia ser mais curto. E' o mal da maior parte dos films allemães.

Cotação: 6 pontos.

RIALTO:

"O Convencido" (Slide, Kelly, Slide) — M. G. M. — Producção de 1927.

Uma historia mais ou menos como a de "Mocidade Sportiva", com o mesmo espirito jovial a dominar todo o seu desenrolar e com o mesmo final sentimental e bem feito. William Haines é o typo adequado para estes films. Elle é moço, forte, alegre, muito sympathico e o melhor dos artistas da geração dos "novissimos". Nem um outro, como elle, saberia viver, na téla, um typo tão acabado de convencido como o "Jim Kelly", da historia. O seu trabalho neste film, muito elevaria a sua já grande popularidade. Harry Carey tem um desses pequenos papeis que só elle sabe viver. Sally O'Neil é uma heroina sincera. Eileen Sedgwick apparece numa ligeira scena. Talvez para satisfazer um pedido do director, Edward Sedgwick, seu irmão... A este deve-se a alegria que desperta o film todo, principalmente no principio. Ha scenas notaveis de comicidade. Só mesmo Edward Sedgwick podia dirigil-as...

Cotação: 7 pontos.

"Noites de Broadway" (Broadway Nights) — First National — Producção de 1927.

O primeiro film em que Lois Wilson trabalhou após o seu brado de independencia, ao deixar a Paramount. Lembram-se do que ella disse dos papeis que procuraria fazer de então em diante? Pois o que tem em "Noites de Broadway", pelos modos, é de seu gosto, inteiramente. O seu trabalho é bom, optimo, mesmo. Só sinto que não tenha encontrado um director melhor. No film vemos os mesmos aspectos de Broadway que estamos habituados a vêr através de mil outros. Apenas o meio theatral é um pouco differente. Tambem os heroes são dous artistas pobres e de pouco talento, que procuram fazer carreira no "Great White Way"... O meio é differente, por força. A historia, si bem que velha ainda agrada. Sam Hardy faz

WM. HAINES, SALLY O'NEIL E HARRY CAREY EM "O CONVENCIDO"

regularmente o marido que se julga o chefe, e que, quando a mulher delle se separa, ganhando, com isso fama e fortuna, desce á mais extrema miseria moral e physica. As scenas de bastidores, no final, são interessantes.

Cotação: 6 pontos.

PATHÉ:

"A Garota do Circo" (No Control) — Producers Dist. — Producção de 1927.

Um film commum com material visto. Harrison Ford e Phyllis Haver são os principaes, mas Tom Wilson e Jack Duffy, embora mal aproveitados causam successo.

Para complemento de programma.

Cotação: 5 pontos.

OUTROS CINEMAS:

"Velocidade louca" (The Speed Limit) — Gothan Prod. — (Guará).

Raymond Mc. Kee está passando para o lado dos imitadores de Wallace Reid..! Já com este, é o segundo film que o vejo mettido em corridas de automoveis. Mas e preciso não esquecer de que são historias simples, menos importantes e que sob hypothese alguma se podem comparar com as do querido Wally e nem mesmo com as de Reginald Denny.

E' mais uma destas fitinhas que não desagradam totalmente. Ethel Shannon é a sua "leading woman". James Conley, Rona Lee e outros, tomam parte. Raymond Mc. Kee andava esquecido por ahi. Desde que sahiu da Fox, poucas vezes tem apparecido. A direcção é de Frank O'Connor.

Cotação: 5 pontos.

"Os Millionarios" (Millionaires) — Warner Bros. — (Matarazzo).

Afinal de contas, nestes films de historias passadas entre judeus residentes nos Estados Unidos, se bem que não agradem a qualquer publico, pelos ambientes, typos e outras cousas mais, ha em todos elles alguma cousa de interessante, moral e que faz prender a attenção do espectador. Os artistas são sempre os mesmos e dahi a confiança que se tem em saber que os papeis são sempre bem representados. E' uma bôa fitinha esta, embora saiba perfeitamente que não agradará a qualquer um. George Sidney e Vera Gordon é mais uma vez o conhecido casal de judeus.

O trabalho de ambos, embora não tão importante como já temos visto noutras producções, é perfeito e satisfaz plenamente. Os demais são: Louise Fazenda, Nat Carr, Helene Costello, Jane Winton e Arthur Lubin. Nos Estados Unidos estes films fazem successo e a colonia vae toda em peso assistil-os. Aqui já não se dá o mesmo, embora ella seja tambem bastante numerosa. Hermann Raymaker dirigiu o film.

Cotação: 6 pontos.

A. R.

SÃO PAULO

REPUBLICA:

"O Navio Sangrento" (The Blood Ship) — Columbia — Producção de 1927 — (Matarazzo).

Um film que foi unanimemente bem recebido, quando da sua exhibição, em primeiras, na America do Norte. E, é forçoso confessar-se, realmente, que o film tem as suas qualidades. Creio mesmo, que não tenha, até agora, visto um film da Columbia, tão interessante. Mas, caro leitor amigo, se lhe vierem dizer aos ouvidos, que é um film originalissimo e melhor do que "Tortura da Carne" e "La Bohême", e, ainda, se você fôr daquelles que gosta de dissecar um film até ao seu menor detalhe, então não vá assistil-o. Já assisto, creio, pela centesima nona ou centesima oitava vez este mesmo enredo, mudado, embora, nesta ou naquella particularidade.

E' sempre, capitão tremendamente máu, o primeiro immediato peior ainda, um navio muito tetrico, scenas de infinita crueldade, o soffredor Hobart Bosworth, que, sempre, no final, tira a sua desforra, soccos, beijos, idyllios, a vingança e o final. E' novo? Positivamente não. No entanto, eu vos recommendo este film. Está muito bem feito e merece ser visto. George B. Seitz soube fazer uso do megaphone. Talvez não imprimisse, ainda, todo o ambiente de terror que um film assim poderia fornecer, mas, assim mesmo, foi um bom director. Ha algumas scenas muito bem filmadas e o trabalho dos artistas, em geral, agrada. O que contraria, positivamente, é que seja tão chato o enredo. Cousa já vista centenares de vezes! Um horror! Adivinha-se as scenas, uma a uma.

No desempenho, apreciei, particularmente, Walter James no cruel commandante. Hobart Bosworth, um magnifico artista dramatico para os domingos, no Olympia ou no Colombinho. Mas depois que assistimos a maneira de Jannings fazer tragedia, a sua naturalidade espantosa, sem gestos, (o que, aliás, é notavel em Jannings, que joga quasi que só com a mascara!) assombra. E Bosworth, é muito gesticulador, retorce muito a bocca para metter medo ás velhotas e pequenas hystericas. Mas é um bom artista e já teve os seus magnificos films. Mas está velho. E depois que leva aquella surra com aquelle chicote, parece que fica sem um arranhão siquer.. E para que me não esqueça, outro esquecimento do director, o Blue Washington, aquelle negrão, leva um tiro no hombro e, scenas depois, apparece com a cabeça amarrada... Richard Arlen e Jacqueline Logan, um par interessante e que fornece o elemento amoroso. Fred Kohler, o eterno bandido. Mas trabalha bem, innegavelmente. Arthur Rankin, com os cabellos louros á la "Barqueiro do Volga", morre, mais uma vez... James Bradbury Sr., Syd Crissley, Frank Hemphill, Chappell Dossett, completam o "cast". E' um film que vale o preço da entrada e que paga a pena de se vêr.

Cotação: 7 pontos.

O. M.

SUSI VERNON

HERTHA VON WALTHER

PEQUENAS DA UFA

RUTH WEYHER

ELLEN RICHTER

MADAME POMPADOUR

(FIM)

— Morra a Pompadour! Morra a Pompadour!...

Que lhe importava a elle, joven e forte, com a cabeça lavorando ao fogo das idéas, que o prendessem, que o torturassem por haver insultado a favorita do rei? — Não era ella — sabiam-n'o todos — a causa da miseria e flagello do povo de França? Não era ella que, fazendo sua a vontade de Luiz XV, dictava de ponto em branco o que devia decretar o monarcha — leis que asphyxiavam os seus irmãos de labor e taxas que consumiam o suor dos miseros filhos do trabalho?

E indiferente á sorte e grita dos apaniguados, seguia Madame Pompadour na sua caleche sobredourada, ao trote dos empinados cavallos que a puxavam. Lá ia ella!...

René vira-a pela portinhola do carro! Ella sorria-lhe ironicamente através de um antifaz de sêda que mantinha sobre os olhos. Este gesto fez com que o rapaz redobrasse de furia, e saltando sobre o estribo do carro, com os punhos cerrados, esmurrasse a janellinha envidraçada por trás da qual estava a mulher a quem odiava.

Dentro da carruagem, impertubavel, seguia Madame Pompadour, a sorrir-lhe como uma estatua de belleza. A sua cabelleira empoada, toucada ao alto da cabeça, dava-lhe uma graça infinda. Dir-se-ia uma rainha, tal a dignidade que se emanava de toda a sua pessoa! E aquelle sorriso de encantadoras facetas e os seus olhos que pareciam duas gemmas preciosas, ao envéz de o domarem, despertavam no rapaz maior sede de vingança.

Intervindo a policia, foi René forçado a suspender a sua sanha, retirando-se com o seu bando para o botequim Prumier, onde costumavam reunirem-se.

Emquanto isto, seguia o carro. E a Pompadour cahia em meditação sobre o joven que acabava de a insultar. Admirava-lhe a coragem. Contemplava, mentalmente, aquella expressão varonil que vibrava do seu destemido aggressor. E a cortezã fechava os olhos para melhor visualizar aquelle semblante que lhe ficára estampado na memoria.

Afundando-se nos coxins de velludo da carruagem, lá ia a favorita do rei a pensar nesse homem do povo — esse abnegado René Laval, que, sem temor a nada, se dispunha a espalhar pelos bairros afastados de Pariz a torrente de idéas que lhe queimavam o cerebro. E que braços tão fortes! Aquelles braços de herói, que a teriam despedaçado, por vingança, si não fôra a intervenção da policia do rei! Que semblante destemido! Que bello exemplo de homem!

E a fantasia da favorita do rei se enchia de uma nova alma. Ao trotear dos corceis, seguia a carruagem e dentro della, entretida com aquelle sonho, lá ia a Pompadour, a famosa dama que tinha na mão os dominios de um reino!

Para attender aos negocios de estado, teve o rei necessidade de ausentar-se della por algum tempo. Como todo o namorado, porém, Sua Majestade sentia ciumes da mulher que, aos seus olhos, era desejada por todos.

Acabrunhava-lhe a idéa (elle achava-a bem possivel) que Madame Pompadour viesse um dia a amar alguem que não fosse a sua real pessoa. Era forçoso, pois, não deixar Madame entregue á fantasia de si mesma.

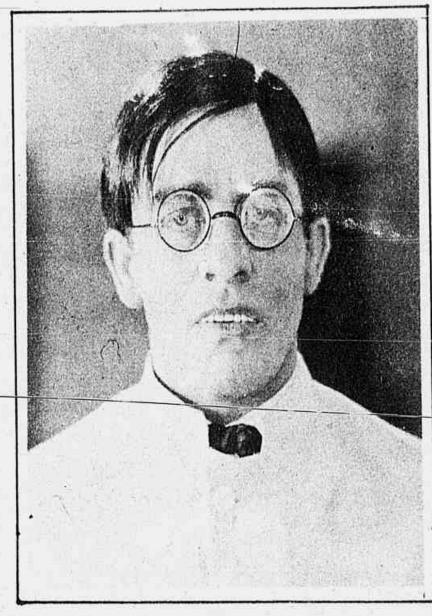
A solução para tão difficil incumbencia achou-a logo o rei. Deixaria um dos seus mais fieis servidores encarregado de vigiar secretamente todos os actos de Madame, avisando ao rei do que de suspeitoso fôsse notado.

O Marquez de Maurepas foi incumbido desta missão. Esta escolha, pensava o rei, não a poderia ter feito senão um arguto homem de estado, conhecedor do seu "metier" e senhor da profunda psychologia humana. Maurepas é inimigo de Madame, dizia comsigo o soberano, e como tal, ninguem mais aptamente apparelhado para vigial-a. Em fazel-o, tem Maurepas dois objectos em vista: servir a mim e vingar-se della, si para tanto lhe offerecer motivos.

Mas a Pompadour possuia uma cabecinha de muito expediente e não seria ella que se fôsse deixar cahir nas teias de aranha de Maurepas posto ao serviço de Sua Majestade.

Fazendo as suas pesquizas, mui secretamente havia Madame descoberto que o Botequim Prumier era o logar onde sempre poderia René ser encontrado, e, com a ajuda de sua fiel camareira, escapou-se a dama do palacio, convenientemente disfarçada, emquanto os guardas de Maurepas, de olhos bem abertos, mantinham-n'a prisioneira dentro dos seus proprios aposentos.

O subterfugio de Madame déra o melhor dos resultados. O proprio Marquez de Maurepas julgava-a mui virtuosamente entregue aos seus affazeres domesticos, como se promptificou elle a informar a El-Rei. O certo, porém, é que Madame andava longe, dando vasas á sua fantasia mais ou menos aventurosa.

No botequim de Prumier, áquella noite, apresentára-se uma dama desconhecida, procurando falar ao mui galante senhor de Laval. Recebida a joven senhora em uma sala reservada da casa, entrou René a perguntar-lhe a que vinha, quem era, e como fizera conhecimento com o seu nome? Mas a desconhecida pouco lhe respondia. Queria saber de uma cousa: —

PODEM NÃO ACREDITAR, MAS E' JACK MULHALL

Por que razão tanto odiava elle a inoffensiva senhora de Pompadour?

— Ah! Então sois vós uma das aias dessa mulher peccaminosa?

Não posso crêr que tão delicada creatura como sois vós, possaes vos macular em servir a uma tal aventureira!

— Não pertenço á casa de Madame, senhor... sou apenas sua costureira — temporariamente — e em breve deixarei o seu palacio... replicava a dama desconhecida.

A estas palavras, deixou Laval de falar na Pompadour para virar toda a sua attenção para a formosa recem-chegada. Aquelles olhos de seductora expressão iam pouco a pouco conquistando o odio que lhe ia n'alma. Esquecia a favorita do rei para só se lembrar que estava deante da mulher mais linda que já tinha visto.

Para René, aquella apparição inesperada, era bem o seu grande sonho de amor que se realizava. Era a sua dama, sua rainha, sua senhora — a mulher por quem devia sacrificar a vida para ter um dia a graça do seu amor!

— Ainda hontem, dizia René, em sua conversa com a desconhecida, — vendi um dos meus quadros, creio que para figurar na galeria real...

— Quem sabe si não teria sido mandado comprar especialmente por Madame Pompadour, que vos admira immenso o talento artistico?...

— Oh, não me fazei referencia a este nome, senhora! Bem sabeis que eu não o posso ouvir e vos supplico que não m'o repitaes, por favor!

Satisfeita de haver causado no espirito do rapaz essa paixão arrebatadora, não quiz Madame persistir mais. E pedindo a René que lhe trouxesse um copinho de vinho generoso, sahiu o rapaz a satisfazer-lhe o desejo. Quando Laval tornou ao aposento, trazendo o licor desejado, a mysteriosa dama tinha desapparecido. Sobre o tapete, á margem da lareira, havia uma phrase escripta a carvão: — **Au revoir!**

Ao chegar cautelosamente á frente da casa para tomar o seu carro, ali estava, todo perfilado no seu aprumo de militar, o proprio Maurepas.

— Aqui estou!, disse nervosamente a favorita do rei. Por que vos atreveis, senhor Marquez, a seguir os passos de Madame Pompadour? Si não fôsse pela incuria e descuidos dos servos do rei, não teria eu — Madame Pampadour — de vir aqui entrevistar secretamente os inimigos do reino, para me certificar do perigo que corremos!

—Senhora!... murmurou Maurepas, inclinando-se, vencido, ante aquella accusação tremenda. Ao ouvir o nome de Pompadour, Laval, que havia sahido buscando a sua dama desconhecida, avançou para o lado dos dois personagens. E a favorita do rei:

— Prendam este homem!, ordenou ella aos guardas. Naquella noite, na cadeia local, recebeu René uma mensagem secreta de Madame Pompadour.

Emquanto o seu companheiro Prumier era posto em liberdade, recebia elle ordem de ir fazer parte da guarda de honra de Madame.

E assim, mais uma vez sahia vencedora a favorita de Luiz XV. Maurepas, o sagaz e opinioso famulo de Sua Majestade, tinha sido burlado pela esperteza e astuciossa armadilha de sua linda inimiga.

Mas a situação de Madame ia, com o correr dos tempos, fazendo-se de toda insustentavel. René, pelo grande amor que lhe dedicava, estava prompto para qualquer sacrificio, e ella, a cabecinha feminina de maiores expedientes, chegara mesmo a alimentar a doce esperança de fugirem para um paiz distante, onde pudessem viver um para o outro. A vigilancia, porém, do sempre alerta Maurepas, impossibilitava-lhe a realização do plano.

Por fim chegavam os rumores aos ouvidos do rei. O proprio Maurepas tinha em mãos provas irrecusaveis dos intentos de Madame. O rei, entretanto, queria ver para crer!

E fazendo severas accusações á conducta da Pompadour, quiz Sua Majestade que ella lhe désse uma prova de sua fidelidade. Si fôsse descoberta a connivencia de René Laval com a sua favorita, a cabeça do intruso rolaria sob o peso do cutelo como expiação ao seu crime.

— Estaes redondamente enganado ácerca do meu caracter, senhor! Porque eu só amo a uma pessoa — que é a vossa real Majestade!, dizia a Pompadour, em sua propria camara, procurando convencer o rei das intrigas de Maurepas. E para vos certificardes de que falo a verdade, escondei-vos por trás deste biombo, e eu chamarei aqui o guarda René Laval, para que possaes ouvir, sem sereis visto, o que a elle eu irei dizer.

E momentos depois, a chamado de Madame, entrava René:

— Senhor guarda, tendes sido um bom e fiel servidor... mas não vos enganeis quanto aos meus gestos de benignidade — por que eu só amo e só amarei ao meu rei! Ide, pois, para o vosso antigo mister, conservando-vos desligado para sempre dos meus serviços! Indignado com a frieza com que a mulher a quem amava o despedia para sempre de sua consideração, sahiu René do palacio, não sem lançar mais uma vez um olhar de insulto áquella que fôra a sua amada e que iria ser — para desgraça delle — a sua mais amarga lembrança...

Quando Madame procurou o rei atrás do biombo afim de lêr nos seus olhos a satisfação pelo grande sacrificio que acabava de fazer — mas Sua Majestade dormia a somno solto...

A' noite, por deliberação real, abriam-se os vastos salões do palacio da Pampodour para um saráu dançante em honra da favorita do rei. Sua Majestade, impaciente, esperava a entrada da mulher a quem amava cegamente. Madame fazia-se tardar.

Por fim surgiu ella, acompanhada de suas damas. Vestia ricamente, mas de um lucto rigoroso. Era uma homenagem ao amor que perdera...

A MENTIRA CONJUGAL

(FIM)

caminho, e sem outro recurso, vinham pedir-lhe pousada até o dia seguinte. E para pôr-se a salvo de qualquer duvida, adeantou o rapaz: Somos o casal Leonardo Smith...

Por curiosidade, ao mandar o creado conduzir as maletas dos recem-chegados, notou logo La Fuente que a que pertencia á supposta Madame Smith tinha umas iniciaes que revelavam tudo neste mundo, menos que a sua dona tivesse nada de Smith. Este facto, está claro, deixou o rapaz com a pulga atraz da orelha.

E mal acabava de mandar agazalhar os dois itinerantes, eis que sôa novamente o timpano da entrada. Repete-se a historia do caminho errado, a mesma urgencia de agazalho até o dia seguinte, e uma nova parelha apparece — um homem e uma mulher — que outros não eram senão Victoria e um amigo que a havia levado a um passeio nocturno pelas estradas. Como era natural, para salvaguardar qualquer suspeita, apresentaram-se ao dono da casa como marido e mulher.

Ora, reservados os quartos, e como não fôsse hora de recolher, resolveu o Sr. La Fuente fazer as apresentações dos quatro visitantes, convidando-os para uma partida de bisca. Ao defrontarem-se Leonardo e Victoria, fuzilaram relampagos nos olhos um do outro.

O cavalheiro que vinha com Victoria, sem suspeitar da ligação que havia entre Leonardo e ella, aventurou uma pergunta, para dar começo á palestra: — Supponho que anda em viagem de nupcias...

— Oh, não! Já somos casados ha cinco annos! — disse Leonardo olhando Victoria bem dentro dos olhos.

— Assim?! E nós tambem... — respondeu Victoria com um gesto de escarninho.

Mais tarde, tendo os dois "casaes" se recolhido, ficou Leonardo a pensar na mulher, e na piáda que as artimanhas de Madame lhe vinha pregando. E, para certificar-se pessoalmente do que pensava Victoria, passou-se Leonardo ao quarto della. Russo, o companheiro de Victoria, que dormia em aposento contiguo, ouvindo voz de homem ali perto, de um salto pôz-se frente a Leonardo:

— *Seu* biltre! Como tem você a audacia de invadir este santuario — a Alcova de *minha* esposa?!

Com o vozear do batebocca, appareceu o Sr. La Fuente, que, a julgar pelo seu sorriso, já estava intelligentemente sciente de quasi todo o mysterio que circumdava os quatro personagens.

— Desde que o Sr. abusa de minha hospitalidade, disse La Fuente a Leonardo, não lhe permittirei que durma nesta casa. Vou mandar arranjar-lhe uma cama no alojamento que fica no pateo.

E emquanto ás duas pequenas, para as livrar de novas complicações, fez o Sr. La Fuente que Victoria ficasse no seu proprio aposento, obrigando Helena a ir pernoitar em um quarto separado.

No dia seguinte, esclarecida aquella mentira de ambos, fizeram as pazes Leonardo e Victoria. E desse conhecimento casual de Helena e La Fuente resultou o casamento dos dois.

Porque os artistas ganham bem...

(FIM)

sol estava excessivamente quente. Os mosquitos cercavam-n'os. De hombros nús Viola, mordida pelos terriveis insectos, teve que registrar uma profunda alegria...

Clara Bow, a pequena do "it", póde ser geniosa e violenta, mais não deixa de ser admirada por seus companheiros. Ella é a personificação da independencia feminina.

Victor Fleming, que a dirigia em "Hula", disse-lhe:

"Clara, prepara-te para passares a maior parte destes dois dias mais proximos, dentro de um tanque. Comprei o melhor que havia. Parece que foi feito para Clara Bow".

"Pode ser que seja muito bom para o film, mas garanto que não o é para mim. Vamos pensar em cousas mais interessantes!"

Entretanto, Clara entrou no tal tanque vestida unicamente na sua pelle. Apanhou um resfriado e durante toda a filmagem fez ao seu director as expressões menos dignas de uma senhora de respeito... Mas trabalhou assim mesmo. No primeiro dia até esteve mergulhada no tanque durante tres longas horas.

Banhos imprevistos, mergulhos e quédas são do mais frequente emprego entre as "girls" da téla. Ha cerca de dous mezes exigiram que Louise Fazenda, a querida comediante, désse um salto do alto de uma escada de doze degráos. Ella deu.

Mas escutem as suas proprias palavras: "Si V. pensa que foi muito engraçado, experimente fazel-o em casa e sem a musica tocar. Garanto que V. passará a gostar muito dos travesseiros e da cama, durante, pelo menos, duas longas e inesqueciveis semanas".

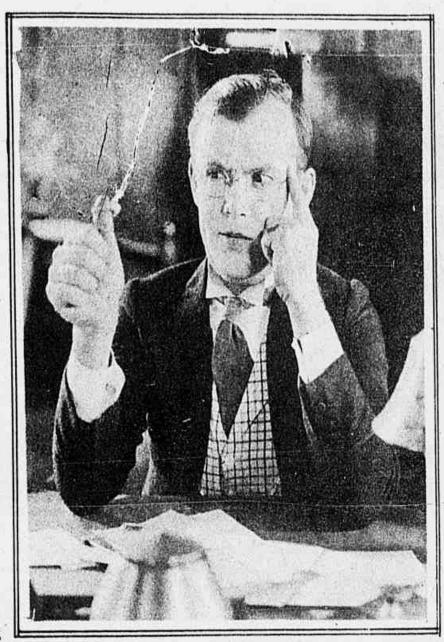
Aliás as comediantes, mais do que as artistas dramaticas, soffrem muito. Miss Fazenda, por exemplo, nos primeiros dias do Cinema recebeu no rosto mais "custard pies" do que qualquer outra artista. Uma vez ella representou varias scenas com um "bulldog" preso pelos dentes ás suas saias. De outra vez foi atirada num lago gelado, de onde ao sahir, depois de muito custo, foi obrigada a subir uma alta e perigosa cerca afim de evitar os excessivos carinhos de um boi gentilissimo.

"E' uma grande vida!" diz Miss Fazenda. "E' mais ou menos parecido com o caçar bandidos em Chicago".

Caso interessante é de Marcelle Corday que teve um importante papel ao lado de Lillian Gish em "A Letra Escarlate". O seu papel pedia para ella um mergulho publico, como castigo das suas maldades.

Mais de cem extras, vestidos como puritanos, juntaram-se no set (edificado em Culver City) e presenciaram o acto.

Applaudiram. Riram. Gritaram barbaramente. E Marcelle, de accordo com a situação, estava esgotada nervosamente, quando a scena foi terminada.

Molly Malone certa vez, embrulhada num cobertor, foi arrastada pelo Studio de Christie pela mão de Jimmy Adams, o conhecido comico. Molly é leve, pesa pouco mais de quarenta kilos. Quando sahiu do em-

NEAL BURNS ESQUECEU-SE DO QUE NÃO QUERIA ESQUECER-SE

brulho os arranhões eram muitos. E nenhum queixume brotou de seus labios.

As extras são as criaturas que mais soffrem na confecção dos films. Filmavam uma scena de baile no studio da M. G. M. O scenario requeria que uma fortissima tromba d'agua fizesse saltar o telhado e inundasse os pares dansarinos. E durante cerca de uma hora todas aquellas pobres moças, nos seus leves vestidos de baile, sentiram a agua cahir-lhes nos corpos gelados e trementes.

A expressão que se lhes lia nas faces era de terror. Não era uma expressão falsa. Ellas sentiram-n'o realmente.

De vez em quando um grupo de artistas é chamado para partir em "location". Uns vão para o Alaska, outros para o Amazonas? O anno passado o "nuit" que foi a Florida para filmar varias sequencias de "The Mysterious Island", da M. G. M., teve que desistir do seu intento, diante de tres terriveis furacões: Estelle Taylor chefiou um outro grupo que passou tres dias numa garganta das Montanhas Rochosas, afim de evitar os effeitos de um temporal. Adolphe Menjou e Kathryn Carver gastaram uma semana em plena neve, no lago Tahoe, na California, com a temperatura mais baixa da região, e Dolores Del Rio esteve quatro dias em Truckee, em identicas condições. A cousa não é tão bôa assim...

Elles obrigaram Martha Sleeper "a pular no lago". Evelyn Brent não ha muito andou as voltas com um crocodillo. Madeline Hurlock durante tres dias representou ao lado de um leão. Laura La Plante esteve com um leopardo dentro de uma jaula. Colleen Moore, em roupa de dormir, passou duas horas num parque de Los Angeles, depois da meia noite. Joseph Schildkraut e Seena Owen foram postos dentro de um camarote de navio, trancados e lá conservados até que a agua, jorrando por um buraco na parede, lhes attingisse o peito. Frances Teague, dentro de um circo, devido a uma tempestade artificial, ao se espantarem os elephantes, teve que fugir para não morrer esmagada.

Estes incidentes são communs na Cinelandia. Entretanto, todos os rapazes e todas as pequenas que existem no mundo, dariam fortunas, si as tivessem, para apparecerem num film.

Ha poucos mezes uma artista perdeu um bom papel por ter medo de ratos. Ella tinha que acariciar um desses animaes. Preferiu não fazel-o. Uma outra, não saber nadar. E ainda uma terceira por se recusar a segurar uma serpente sem veneno. Ha cerca de seis mil pequenas registradas como extras em Hollywood. Trabalho não ha para a decima parte dellas, diariamente. E' por isso que não se ouvem protestos... Nem tudo é delicioso na vida de uma artista da téla.

A MULHER QUE EU AMEI

(FIM)

tanta felicidade juntas, entregar-me toda enlevada ás caricias do seu rival. E elle tem que sorrir para que ninguem perceba o segredo que o tortura e lhe consome a alma... Sob a mais rigida mascara, elle esconde o inferno de ciume que lhe vae como um turbilhão transtornando as suas idéas, perturbando a paz do seu espirito, fazendo-o soffrer todos os horrores que tal situação fomenta. Willie chegava todos os dias, attencioso para elle; bom como era, trouxe-lhe até um par de muletas e somente odio sentia John para aquelle homem cujo crime fôra roubar a mulher que elle amava...

Os dias continuam na sua eterna passagem, succedendo-se ás noites e trazendo novas desventuras a John que passava por todas as torturas do amôr, amaldiçoando até a luz do sol e a belleza das noites estrelladas; o amôr havia assassinado aquella alma... Para não maguar Mary, John se mostrava resignado, feliz, satisfeito, quando sentia desejos de gritar, de se revoltar contra a injustiça daquillo tudo. Porque não merecia elle ser feliz como outros?

Porque lhe fugia a felicidade a tão largos passos... e, olhos fechados, lá ia John ruminando a sua desdita, enchendo-se a cabeça de visões phantasticas, numa vertigem e delirio...

John vê-se, num momento de loucura, atirar-se a Mary e, num impeto a beijar com todo o ardor e confessar-lhe a sua sêde de amar... Beija-a, beija-a repetidas vezes, beijos quentes, no rosto, nos labios, nos cabellos, no collo, enchendo de terror a pobre rapariga que o repelle... Os seus beijos a allucinam, aquella loucura a cobre de pavor e Mary acaba por desmaiar... John volta a si... para continuar nas suas visões tumultuosas a que a razão não preside mais...

Agora é Willie a que elle tenta aggredir, ferindo-o, lutando ambos como féras, rolando pela terra, ensanguentados... John para por fim áquella luta, dispara contra elle o revolver, matando-o...

Quando vae virar a arma contra a cabeça, para terminar de vez com aquella situação intoleravel, a sua mãe chega e o olha...

John, atormentado com tudo aquillo que elle via poder tornar-se realidade, valendo-se do amôr que dedicava a Mary, toma forças e começa a reagir, conformando-se pouco a pouco com o que lhe reservara o destino.

O casamento de Mary se realiza, elle a leva á casa do noivo e nunca ninguem soube do amôr sublime que John calcara no fundo do seu coração para que fosse feliz a mulher que elle amava...

G. S.

O actual movimento cinematographico em Portugal

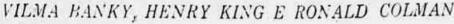
(FIM)

expontanea. Produziu vinte films: **Rosa do Adro, Amor de Perdição, Primo Bazilio, Fidalgos da Casa Mourisca, A Tormenta, Tempestades da Vida, Mulheres da Beira, etc.** Mas era seu **Metteur-en-scene** Monsieur Palú, um francez de systema conservador. O resultado foi que esses films sahiam com montagem em estylo primitivo da industria franceza. Outra, duas tentativas a marcar: a da **Fortuna-Film**, que fez **A Sereia de Pedra** e os **Olhos da Alma**. O seu **Metteur-en-scene**, muito mais moderno e original do que Mr. Palú — era egualmente francez: Roger de Lion. Não creou uma escola — porque não podia; e se recursos possuisse para tal não viria enraizal-a em paiz estrangeiro...

Temos ainda **Calderilla-Films** e **Pathé-Films** — productoras dos **Faroleiros**, das **Pupilas** e do **Fado. Metteur-enscene?** Um francez intransigentemente francez: Mariaux. **Iberia-Film** realisou um unico film: **Os Lobos.** Seu realizador? O mais completo de todos os que vieram até Portugal: Rino Lupo. A nacionalidade? Italiano. O seu film? Da mais pura escola italiana!

Assim como um paiz não pode crear uma literatura que fortifique, que perfura o tempo, com o poderio das suas raizes — traduzindo desses estrangeiros ou vindo estrangeiros escrever suas obras — egualmente uma cinematographia não pode abarafusar-se ao sólo e toldar-nos com a sombra do triumpho emquanto não seja criada por nacionaes.

(Termina no fim do numero)

VILMA BANKY, HENRY KING E RONALD COLMAN

COLLEEN MOORE E LARRY KENT EM "HER WILD OAT"

INVENTOR DAS ARABIAS

(FIM)

que só diminuirá a velocidade se ali mesma assignar com elle contracto. O commandante accede e, quando chegam ao local da inauguração da estatua, pois a noticia do incendio fôra "blague" de Patsy, Tyson, furioso, diz ao commandante: "Este contracto não é valido, pois o senhor foi forçado a assignal-o", ao que elle responde: "Não quero saber de nada; o carro é bom e eu gosto dos amendoins do rapaz!"

Para Heitor Whitmore abria-se o caminho da gloria e do amor, pois tambem Patsy dos seus triumphos partilhará, como doce e carinhosa esposa do inventor celebre.

H. M.

ALTO BORDO

(FIM)

pesados saccos... Isso lhe levara á mente o desejo de desvendar o que havia de verdade naquillo tudo, mesmo porque era preciso salvar a responsabilidade do seu pae.

Audrey Nye, a namorada, estava prompta a ajudal-o, promettendo arranjar-lhe a verdadeira lista de donativos recebidos por Buckland. E, chamada a receber um novo dictado, ella viu que Buckland dictava uma falsa lista, guardando a real sob a sua pasta.

Não lhe foi difficil se apossar dessa verdadeira lista e leval-a a Juliano, que correu ao director da "Verdade" a expol-a. Antes porém elle procurára o pae, na "Semana", exigindo que elle se demittisse daquelle jornal infame, e John Purryam o fez, mesmo porque não poude acceitar a responsabilidade que Buckland lhe queria arrumar em cima, assim que viu publicado o artigo da "Verdade".

Buckland queria que elle publicasse uma nota dizendo que conferira todas as listas de fundo e as achara certas...

Mas nem mesmo tempo haveria para mais cousa alguma. Os veteranos da guerra já estavam desconfiados do que se passava, e o artigo da "Verdade" os indignara, pelo que dentro em pouco uma grande multidão estacionava á porta do jornal amarello. Pedras começaram a ser arremessadas, e Buckland comprehendeu má a situação, pelo que correu ao seu cofre-forte, de lá tirando a grande quantia que tinha ali guardada, bem como innumeras joias que lhe tinham sido confiadas, para dellas fazer dinheiro e distribuir pelas viuvas. Mas não tem tempo, de fugir pois que uma bomba explode! Parte do edificio rúe fragorosamente!

Juliano corria para lá, por ver a attitude do povo e querer salvar o seu pae. Com a explosão do petardo fogem os que podem, e o rapaz tem de luctar com a avalanche dos que fogem, para poder entrar no edificio, de onde arranca o pae, ferido.

O corpo de Buckland foi encontrado, e com elle a maleta. Tudo estava assim desvendado, e a honra de Purryam estava salva. Apenas acontecêra que sem os subsidios largos, de director da "Semana", elles tinham passado a viver vida modesta, com o ordenado de Juliano e uma pequena commissão que o pae encontrou. A mãe e a irmã de Juliano, acostumados á vida de "alto bordo" soffreram um pouco, mas se acostumaram, comprehendendo o melhor da vida, que estava na alegria do lar, sem "bluffs" e hypocrisias.

Quanto a Audrey, passara ella a fazer parte da familia...

P. LAVRADOR.

BROADWAY EM REVISTA

(FIM)

Iniciou-se então a luta. Da noite para o dia, o Capitol alterou-se interiormente, de alto a baixo, sem, no emtanto, suspender as suas funcções. Para cada uma novidade que o Roxy ia annunciando, o Capitol apresentava duas. O seu enorme palco passou a ser movediço, como o do Roxy, fazendo apparecer e desapparecer o seu gigantesco corpo de orchestra como por encanto. Novos effeitos de luz, numeros de sensação, artistas de nomeada da propria Opera, foram contractados para se fazer ouvir: apotheoses deslumbrantes, scenarios de luxo excepcional, e até uma orchestra especial de jazz — os Capitolians, coisa que até então, não se incluia nos programmas do famoso theatro.

O Roxy apresentava um programma de selecção aos sabbados e domingos, assim como um outro diario, para antes do meio-dia. O Capitol fez o mesmo, iniciando-os ás dez e meia, com as entradas a um terço do preço normal.

Desnecessario será dizer que o publico correspondeu á expectativa do Capitol. Cartazes espalhados por toda a cidade, conseguiram despertar interesse geral e a congestão que se estabeleceu ás portas do theatro foi sendo, de facto, ainda maior propaganda.

A fita em a semana dessa nova programmação foi, de certo, a unica decepção. "The Road to Romance", da Metro, com Ramon Novarro, não satisfez a expectativa que o nome do artista creára. O assumpto, adaptado de uma novella do grande romancista Joseph Conrad, deu ao publico, mais uma vez, occasião de observar que o mal do Cinema ainda está no fazer da fita, mesmo quando se trata de um assumpto bom.

Ramon Novarro, depois de "Ben Hur", parece ter perdido o rumo. Já o seu ultimo trabalho em "Lovers" — outro assumpto de um dos maiores talentos literarios da Hespanha, foi uma das mais memoraveis semsaborias que a Metro tem apresentado. E agora, em outra historia tambem sob aspectos hispanos, Ramon se apresenta num conjuncto de actuação infantil, tola, mal arranjada, muitissimo longe da figura do personagem creado pelo auctor da novella. Esta se prende ás épocas de piratas que iam sendo o terror dos mares da America, assumpto sobre coisas ainda do tempo de D. João Charuto. Não obstante, Roy D'Arcy se apresenta de pistola em punho — uma excellente arma automatica, modelo 1927.

Si os logares no Capitol fossem numerados, seria certo que a maioria da platéa teria ido tomar ares ou fumar um pouco, lá fóra, durante a exhibição do film. A indifferença era geral, caracterisada pela conversação que se estabeleceu, e na qual se ouvia de tudo, desde receitas de doces, entre velhas tagarelas, até a melhor maneira de tingir vestidos em casa, entre flappers de parcas finanças.

Em todo caso, voltando á luta, o episodio entre o Capitol e o Roxy conseguiu despertar um movimento geral ao longo de Broadway. O Strand movimentou-se, aprimorando o seu programma, o "Loew's State, tambem, e assim todos os demais, até mesmo o Paramount; e no final, o unico a sentir-se bem foi o publico.

No fundo, vê-se que a concurrencia foi a alma dessa movimentação toda. Si em vez desses theatros estarem nas mãos de diversas companhias productoras, estivessem apenas nas garras de uma só, como pretende fazer a Metro no Brasil, poderia o publico de Nova York desistir de obter maiores proveitos na altura do preço da sua entrada.

Donde se verifica que, por mais dourada que seja a pilula de um monopolio, sempre é pilula: no amago ha qualquer coisa amarga, que nem o mais pressuroso gole d'agua consegue disfarçar.

Louras sob Encommenda

(FIM)

pagamento da divida as terras que possue no littoral. Afflicta para resolver a sua situação commercial, em face desta occorrencia, Bonnie relata as suas magoas á uma velha cliente que, em resposta, pede-lhe que compareça á festa nautica que ella dará, dias depois, em seu elegante yacht. Comparecem á reunião entre outras pessoas, as Tres Graças que muito se escandalisam em vêr a senhora Morgan dispensar honras especiaes a garota modernista que tanto nervosismo lhes trouxera. A respeitavel matrona, porém, ouvindo as censuras improcedentes e descorteses, manuseia um pequeno codigo de civilidade nas palavras amaveis com que brinda as tres solteironas e consegue convencel-as da razão que assiste aos ideas de Bonnie.

No dia seguinte grande foi a affluencia á loja da linda manicurista, incluidas as Tres Graças, e tempos depois os lucros da casa davam o necessario para ser levantada a hypotheca. Este facto coincidiu com os magnificos lucros apresentados por Cliff que trouxe para as acções de Bonnie uma renda phantastica.

Assim tudo acabou bem e todos se sentiram felizes, pois que não tardou que pelas ruas de Clinton-Harbor passasse o formoso casal Bonnie-Cliff installado num luxuoso Rolls Royce, tendo a reboque o grotesco Ford de outr'ora.

Sam Taylor foi contractado pela United Artists para dirigir mais um film cujo titulo provisorio é "The Stenog". Camilla Horn, a Margarida do "Fausto" de Murnau, será a estrella.

Edwin E. Mix, com setenta e tres annos de idade, pae do famoso e querido Tom Mix, falleceu de um ataque de coração em Dubois a 2 de Dezembro ultimo.

Parece que a M. G. M. está disposta a contractar o carissimo Clarence Brown para dirigir Greta Garbo em "Heat". Como devem saber os leitores Clarence declarou que não trabalhará por menos de 150 mil dollars por film.

CINEARTE

Directores: MARIO BEHRING e A. A. GONZAGA
Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$. — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40$.
As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO. — Rua do Ouvidor 164. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio, Telephones: Gerencia: Norte, 5.402; Escriptorio: Norte, 5.818. Annuncios: Norte, 6.131. Officinas: Villa, 6.247. Succursal em S. Paulo dirigida por Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

O ACTUAL MOVIMENTO CINEMATOGRAPHICO EM PORTUGAL

(FIM)

Não é *chauvinismo!* E' senso pratico! E' logica! E' o mais simples 2 × 2 = 4 do problema.

Tenho sido tambem um teimoso na cinematographia. Todas minhas viagens a que a reportagem internacional me obriga — e o jornalismo fez de mim um vagabundo da Europa — são methodicamente divididas pela missão que as gazetas me confiam e pela preferencia dos grandes *Studios*. Vi de perto trabalhar Germaine Dulac e Rodhés nos *Studios* da Pathé e da Avenue Victor Hugo; vi Wienne e Pjifern, nos *Studios* da "Terra" e da "Ufa" e só ao cabo de muitos mezes de observação e de estudo emprehendi a *mise-en-scene*. Porque, firme na logica dogmatica dos meus principios eu não queria fazer o que estava feito; queria ensaiar o que já existisse na minha imaginação.

Dos dois primeiros films pouco posso falar. Nem, em Barcelona, limitei-me a ser *assistant* do meu saudoso amigo Aurelio Sidney; o segundo — o *Groom do Ritz*, feito em Portugal, já sob a minha inteira direcção, com artistas hespanhóes e de encommenda hespanhola sob um romance meu que na Hespanha attingira certa popularidade — era, antes de mais nada um juizo feito ao paladar do freguez. Agradou — mas não sei mesmo se conseguiu pular para a exportação.

Fundei ha pouco uma marca propria — que foi uma tentativa economicamente victoriosa — mas que está longe de me satisfazer. *Reporter - x - Films* produziu quatro films: *Taxi 9297*, extraido do meu romance do mesmo titulo encheu casas... Mas não me encheu as minhas medidas. Exportou-se; vendeu-se para Espanha, França e Belgica — mercados quasi ineditos para os n o s s o s films — mas não alcançou aquella essencia de originalidade que eu exijo da producção dum paiz que se inicia na arte muda.

Seguiram-se-lhe quatro Comedias: *Rita ou Rita, Vigario-Foot-Ball Club* e *Hipnotismo nos domicilios*. O publico riu — os exportadores compraram-nas.

Mas eu prefiro aguardar a reunião de todos os recursos (financeiros e não artisticos, porque estes existem já) para me lançar á obra que mais demoradamente meditei e que possue toda a plasticidade para ser uma obra nova — uma obra de Belleza, uma obra semente... Se fracassar — sou eu que fracasso e não a cinematographia portuguesa...

Porto 9 — 12 — 927.

ALBUM CINE-LITERARIO

O *Cinema Eden*, de Nictheroy, distribuiu ás suas gentis frequentadoras, com producções de poetas fluminenses, um artistico album de artistas cinematographicos e de poesias.

Oscar Mangeon, proprietario do *Cinema Eden*, é um homem que tem idéas, têm até ideal—figurando elle proprio entre os poetas do Album. Sabe harmonisar perfeitamente o seu amôr ás Musas com o interesse commercial; e dahi a excellente iniciativa de brindar os frequentadores do seu Cinema de um modo tão gentil e pratico, a um só tempo.

O *Cinema Eden*, em virtude, mesmo, dessa capacidade emprehendedora de Oscar Mangeon, tornou-se a casa de diversões preferida pela sociedade fluminense, que sabe ali encontrar os melhores programmas e a melhor orchestra da vizinha capital.

"CINEARTE" E AS FELICITAÇÕES DE NATAL E ANNO BOM

Muitos tem sido os cumprimentos por motivo do Natal e pelo Anno Bom recebidos por "Cinearte", que a todos muito agradece e retribue esta gentileza. Entre as ultimas felicitações enviadas a esta revista, podemos registrar cartas e telegrammas de: C. Biekarck & Cia.; Empresa Brasil de Films Serrador & Cia., de São Paulo; União dos Contra-regras; União dos Carpinteiros Theatraes; Lia Binatti; Affonso Stuart; Jayme Fontes de Souza, na Parahyba do Norte; F. Valladares Porto; Zoroastro de Araujo; Associação Feminina Annita Peçanha; Liga-Athletica de Timbaúba, Pernambuco; Universal Pictures do Brasil, S. A.